

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO
GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

Bernardo Marchiori da Costa

**Rádio Facom e Nos Acréscimos na Cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024:
um projeto de Jornalismo Esportivo no meio acadêmico**

**Juiz de Fora
2025**

Bernardo Marchiori da Costa

Rádio Facom e Nos Acréscimos na Cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024:
um projeto de Jornalismo Esportivo no meio acadêmico

Trabalho de conclusão de curso
apresentado à Faculdade de
Comunicação da Universidade Federal de
Juiz de Fora, como requisito parcial à
obtenção do grau de bacharel em
Jornalismo.

Orientador: Prof. Dr. Alvaro Eduardo Trigueiro Americano

Juiz de Fora
2025

Ficha catalográfica elaborada através do programa de geração
automática da Biblioteca Universitária da UFJF,
com os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

da Costa, Bernardo Marchiori.
Rádio Facom e Nos Acréscimos na Cobertura dos Jogos
Olímpicos de 2024 : Um projeto de Jornalismo Esportivo no meio
acadêmico / Bernardo Marchiori da Costa. -- 2025.
94 f.

Orientador: Alvaro Eduardo Trigueiro Americano
Trabalho de Conclusão de Curso (graduação) - Universidade
Federal de Juiz de Fora, Faculdade de Comunicação Social, 2025.

1. Cobertura jornalística. 2. Jornalismo Esportivo. 3. Jogos
Olímpicos. 4. Comunicação. I. Americano, Alvaro Eduardo Trigueiro,
orient. II. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA

ATA DE DEFESA DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE GRADUAÇÃO

GRADUAÇÃO EM Jornalismo

Formato da Defesa: (X) presencial () virtual () híbrido

Ata da sessão (X) pública () privada referente à defesa do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado Rádio Facom e Nos Acréscimos na Cobertura das Olimpíadas de 2024: um projeto de Jornalismo Esportivo no meio acadêmico, para fins de obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo, pelo(a) discente Bernardo Marchiori da Costa, sob orientação da Prof. Dr. Álvaro Eduardo Trigueiro Americano, na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora.

Aos 12 dias do mês de março do ano de 2025, às 20 horas, na sala 220 da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF), reuniu-se a Banca examinadora, composta pelos seguintes membros:

Titulação	Nome	Na qualidade de:
Doutor	Álvaro Eduardo Trigueiro Americano	orientador
Doutor	Ricardo Bedendo	membro da banca
Doutor	Gustavo Teixeira de Faria Pereira	membro da banca

*Na qualidade de (opções a serem escolhidas):

- Orientador (a)
- Coorientador
- Membro da banca

AVALIAÇÃO DA BANCA EXAMINADORA

Tendo o(a) senhor(a) Presidente declarado aberta a sessão, mediante o prévio exame do referido trabalho por parte de cada membro da Banca, o(a) discente procedeu à apresentação de seu Trabalho de Conclusão de Curso de Graduação e foi submetido(a) à arguição pela Banca Examinadora que, em seguida, deliberou sobre o seguinte resultado:

(X) APROVADO

() REPROVADO, conforme parecer circunstanciado, registrado no campo Observações desta Ata e/ou em documento anexo, elaborado pela Banca Examinadora

Observações da Banca Examinadora caso haja necessidade de anotações gerais sobre o Trabalho de Conclusão de Curso e sobre a defesa, as quais a banca julgue pertinentes

A banca destaca a excelência do trabalho e o relato da experiência da primeira cobertura de um mega evento esportivo documentada em um trabalho de conclusão de curso na facom UFJF

Nada mais havendo a tratar, o(a) senhor(a) Presidente declarou encerrada a sessão de Defesa, sendo a presente Ata lavrada e assinada pelos(as) membros da Banca Examinadora e pelo(a) discente, atestando ciência do que nela consta.

INFORMAÇÕES

Para fazer jus ao título de bacharel, a versão final do Trabalho de Conclusão de curso, considerado Aprovado, devidamente conferida pela Secretaria do Curso de Jornalismo, deverá ser tramitada para o Repositório Institucional, dentro do prazo de 05 dias úteis da realização da banca.

Juiz de Fora, 12 de março de 2025.

Assinatura digital dos membros da Banca Examinadora



Documento assinado eletronicamente por Ricardo Bedendo, Professor(a), em 12/03/2025, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Gustavo Teixeira de Faria Pereira, Professor(a), em 12/03/2025, às 20:51, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Álvaro Eduardo Trigueiro Americano, Professor(a), em 12/03/2025, às 21:59, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



Documento assinado eletronicamente por Bernardo Marchiori da Costa, Usuário Externo, em 15/03/2025, às 11:58, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no § 3º do art. 4º do Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020.



A autenticidade deste documento pode ser conferida no Portal do SEI-UFJF (www2.ufjf.br/SEI) através do ícone Conferência de Documentos, informando o código verificador 2285671 e o código CRC 3B4778E7.

AGRADECIMENTOS

Nenhuma vitória é individual. Por trás de uma conquista, sempre há uma equipe que batalhou para atingir o objetivo final, independente da situação.

Agradeço, principalmente, aos meus pais, Renata e Luisângelo, por nunca me deixarem desistir, mesmo quando eu praticamente implorava. Sair da Engenharia para o Jornalismo só foi possível pelo apoio de vocês. Me manter em Juiz de Fora por todos esses anos, também. Obrigado por tudo.

Aos demais familiares: irmão, avós, tios e primos, agradeço por todo o carinho de sempre e por tornarem meu tempo em Petrópolis e no Rio de Janeiro sempre mais feliz e leve. Foi fundamental para suportar a caminhada.

Luke (onde quer que esteja), Stella e Pipoca: vocês não lerão esse trabalho, mas qualquer mínimo sentimento negativo é aliviado quando estou com vocês.

Aos Heinekeiros, Caseiros e demais amigos de Petrópolis: cada momento vivido com vocês foi um alívio à rotina de Juiz de Fora - as saídas, resenhas em casa e até os momentos on-line. Em especial, gratidão ao Bruno, com quem morei por quase cinco anos e convivo desde 2005. Eduardo, Marcus e Murilo: como amigos petropolitanos em JF, ter vocês comigo foi, sem dúvidas, um porto seguro.

Agradeço também a Igor, Vinicius e Yan, amigos que quero levar para a vida, assim como a todas as outras pessoas especiais que conheci em Juiz de Fora.

A todos que tive o prazer de trabalhar na Rádio Facom e no Nos Acréscimos, em especial Lucas e Sthefany, por criarem o projeto que mudou minha vida.

Aos amigos da Tribuna de Minas, meu primeiro emprego: mesmo no trabalho, vocês aliviaram tensões e me ensinaram de forma que nem imaginam.

Agradeço ao meu orientador, Alvaro Americano, pela paciência, parceria e carinho de sempre. Meu aprendizado na graduação não seria tão completo sem a sua presença.

A todos os professores, em especial Ricardo Bedendo e Gustavo Pereira, que foram fundamentais na cobertura dos Jogos, e João Paulo Malerba, pelos ensinamentos na monitoria, e TAEs da Facom, pelos vínculos criados e conhecimentos transmitidos.

Por fim, mas não menos importante, à toda a equipe de cobertura dos Jogos Olímpicos. Esse trabalho não seria possível sem o empenho e dedicação de todos.

“A vida é pra quem sabe viver. Procure aprender a arte. Pra quando apanhar não se abater. Ganhar e perder faz parte. Levante a cabeça, amigo, a vida não é tão ruim. Um dia a gente perde, mas nem sempre o jogo é assim. Pra tudo tem um jeito, e se não teve jeito ainda não chegou ao fim.” (Diogo Nogueira, 2015).

RESUMO

O presente trabalho tem como objetivo relatar experiências vividas durante a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024, em Paris, pela Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Além disso, descreve, detalhadamente, todas as fases do processo, desde o seu planejamento. A realização do projeto foi sustentada em conceitos teóricos do Jornalismo. Dentre eles, os principais utilizados foram os de transmídia e de crossmídia, sob o intuito de produzir conteúdos para diferentes plataformas digitais a partir de estratégias distintas. A ideia de rádio expandida também foi importante, visto que o público pôde acompanhar as transmissões radiofônicas por diferentes meios. Com a abordagem da teoria em atividades práticas, as finalidades da cobertura jornalística do evento envolvem a vivência dos discentes que participaram em um contexto com dinâmicas do meio profissional da área e uma tentativa de maior inclusão do Jornalismo Esportivo nas atividades do ambiente acadêmico. Assim, proporcionar aos estudantes um aprendizado por meio de um projeto guiado por eles próprios.

Palavras-chave: Cobertura jornalística. Jornalismo Esportivo. Jogos Olímpicos. Transmídia. Rádio Expandido.

ABSTRACT

The present work aims to report experiences lived during the coverage of the 2024 Olympic Games, in Paris, by the Communication School of the Federal University of Juiz de Fora. Furthermore, it describes, in detail, all phases of the process, from its planning onwards. The project was based on theoretical concepts of Journalism. Among them, the main ones used were transmedia and crossmedia, with the aim of producing content for different digital platforms using different strategies. The idea of expanded radio was also important, as the public was able to follow radio broadcasts through different means. With the approach of theory in practical activities, the purposes of journalistic coverage of the event involve the experience of the students who participated in a context with dynamics of the professional environment in the area and an attempt at greater inclusion of Sports Journalism in the activities of the academic environment. Thus, providing students with learning through a project guided by themselves.

Keywords: Journalistic coverage. Sports Journalism. Olympic Games. Transmedia. Expanded radio.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. JORNALISMO ESPORTIVO.....	12
2.1. SURGIMENTO DA EDITORIA.....	12
2.2. MOMENTOS HISTÓRICOS.....	15
2.3. JORNALISMO ESPORTIVO: INFORMAÇÃO OU ENTRETENIMENTO?.....	20
2.4. ESPORTE NOS CURSOS DE JORNALISMO.....	25
3. A COBERTURA JORNALÍSTICA DE EVENTOS ESPORTIVOS.....	29
3.1. GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS.....	29
3.2. O JORNALISMO NOS GRANDES EVENTOS ESPORTIVOS.....	34
4. DIÁRIO DE COBERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2024.....	42
4.1. PLANEJAMENTO PRÉ-COBERTURA.....	42
4.2. INÍCIO DA COBERTURA.....	50
4.3. DURANTE OS JOGOS.....	57
4.4. RELATÓRIO FINAL.....	61
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	65
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	69
APÊNDICES.....	73
APÊNDICE A - ENTREVISTA COM ANA PAULA DESSUPOIO	
APÊNDICE B - ENTREVISTA COM TATIANE LEAL	
APÊNDICE C - RESPOSTA 1 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE D - RESPOSTA 2 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE E - RESPOSTA 3 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE F - RESPOSTA 4 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE G - RESPOSTA 5 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE H - RESPOSTA 6 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE I - RESPOSTA 7 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE J - RESPOSTA 8 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE K - RESPOSTA 9 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE L - RESPOSTA 10 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	
APÊNDICE M - RESPOSTA 11 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL	

APÊNDICE N - RESPOSTA 12 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE O - RESPOSTA 13 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE P - RESPOSTA 14 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE Q - RESPOSTA 15 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE R - RESPOSTA 16 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE S - RESPOSTA 17 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE T - RESPOSTA 18 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE U - RESPOSTA 19 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

APÊNDICE V - RESPOSTA 20 DO FORMULÁRIO RELATÓRIO FINAL

1. INTRODUÇÃO

Dentre os grandes eventos esportivos, os Jogos Olímpicos são os mais abrangentes em questão de diferentes interesses esportivos, isso porque inclui um maior número de esportes nas competições - a edição de 2024, realizada em Paris, teve um total de 48 modalidades. Mesmo que não possuam a maior receita e nem a maior audiência do mercado de eventos esportivos, pode-se dizer que, sem dúvidas, são os eventos com possibilidade de atingir um público com interesses diversificados no mundo dos esportes.

Consequentemente, é a competição mais desafiadora de todas para realizar uma cobertura jornalística. Os profissionais da área lidam com um número alto de variáveis: modalidades, atletas, comissões técnicas, comitês e, como resultado, informações. Por um lado, o contexto torna a elaboração de pautas mais acessível; por outro, o volume de acontecimentos torna a vida dos jornalistas repleta de materiais para trabalhar. Para que o trabalho seja o mais completo possível, é necessário investir, sobretudo, em equipe.

Tratando de forma simples, os Jogos Olímpicos funcionam como se vários eventos de grande porte acontecessem simultaneamente dentro de um ainda maior. Além das modalidades, o número de comitês olímpicos nacionais participantes também é considerável: ao todo, foram 204 em Paris, além dos Atletas Neutros Individuais (AINs), aqueles com passaportes bielorrussos ou russos que foram confirmados como elegíveis e convidados a competir, e da Equipe Olímpica de Refugiados (EOR).

Além disso, a emoção trazida pelo esporte não se restringe apenas ao público que acompanha pelos diversos meios de comunicação. Quem participa da cobertura também se envolve e pode chegar ao ponto de passar pelos mesmos sentimentos do público-geral. Assim, o interesse em trabalharativamente em eventos deste tipo é crescente - inclusive no ambiente acadêmico, como a coordenadora do curso de Jornalismo da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) comentou em entrevista para este trabalho.

Sendo assim, a ideia deste TCC é relatar um momento vivido no ambiente universitário durante alguns meses de 2024: a cobertura dos Jogos Olímpicos de Paris na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF). Pautada na ideia de proporcionar uma experiência que utiliza conceitos

teóricos do Jornalismo na prática, enquanto trabalha com um tema de interesse comum (esporte), os estudantes tiveram a oportunidade de vivenciar atividades profissionais, acadêmicas, mas também pessoais.

A ideia para a cobertura dos Jogos Olímpicos surgiu de minhas experiências anteriores na Faculdade de Comunicação, como no trabalho realizado de transmissão da Copa do Mundo de 2022, no Catar. Pelo fato de o futebol ser, basicamente, a única modalidade transmitida na UFJF, ter como foco uma competição com diferentes esportes foi um desafio proposto e aceito pela equipe de cobertura.

Como o projeto já estava programado para acontecer, surgiu a ideia de transformá-lo em objeto de pesquisa. Com mais tempo para estruturação, planejamento e execução de propostas, o trabalho foi um laboratório de experiências para os estudantes que se dispuseram a participar, com o intuito de gerar um ambiente com dinâmicas semelhantes às de uma cobertura profissional. A partir disso, avaliar como o Jornalismo Esportivo pode ser desenvolvido em ambiente acadêmico, enquanto um espaço plural e que possibilita o aprendizado por ensino, extensão e pesquisa.

O primeiro capítulo apresenta uma abordagem de contextualização do Jornalismo Esportivo. Desde seu surgimento até a profissionalização e momentos históricos vividos, a editoria passou por processos e mudanças que culminaram em novas dinâmicas. Dentre elas, a possibilidade de incluir um teor de entretenimento em algumas de suas pautas, para gerar maior interesse no público, visto que alguns assuntos permitem essa união.

Para finalizar, foram propostas entrevistas com coordenadoras de cursos de Jornalismo em universidades federais, com o objetivo de entender como o Jornalismo Esportivo é abordado dentro do ambiente acadêmico, além de tratar sobre as suas perspectivas para o futuro. Apesar de cinco terem sido contatadas, apenas duas responderam. As demais entrevistas não ocorreram por questões outras que impossibilitaram a participação.

O segundo capítulo dá prosseguimento à contextualização, incluindo o Jornalismo Esportivo na cobertura de grandes eventos. Neste momento, a proposta foi enfatizar o quão grandiosos são alguns torneios esportivos - dentre eles, os Jogos Olímpicos. Os quesitos envolvem tanto a receita como as audiências. Além disso, é importante para o andamento do trabalho incluir a entrada dos meios de

comunicação jornalísticos na cobertura destes eventos: quando entraram, qual sua importância para expandir o alcance e outros tópicos.

Por fim, o terceiro capítulo se refere ao objeto de estudo: um diário de experiências sobre a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024 na Faculdade de Comunicação da UFJF. Nesta parte, cada detalhe e finalidade das ações tomadas foram descritos. Todas as fases foram abordadas: desde o planejamento, o início da cobertura (que aconteceu com meses de antecedência antes do começo das competições), o trabalho desenvolvido durante o evento e quais as conclusões que puderam ser tiradas após o final da cobertura - positivas ou negativas -, além de discutir a importância da iniciativa para os discentes que participaram.

Espera-se, com a realização do presente trabalho, socializar ideias que deram certo para esse tipo de cobertura no ambiente universitário e o que pode ser feito para provocar melhorias e elevar a qualidade. Assim, auxiliar na luta do Jornalismo Esportivo para a conquista de um espaço maior na formação de futuros jornalistas.

2. JORNALISMO ESPORTIVO

Antes de dar prosseguimento às experiências vivenciadas durante a realização do trabalho, é fundamental estabelecer um contexto do campo trabalhado: o Jornalismo Esportivo, que é a base para a realização da cobertura. O objetivo é contextualizar a presença da editoria nos veículos de Jornalismo, começando pelo âmbito mundial até trazer para o Brasil, que será o foco nas partes mais avançadas do projeto.

Para isso, além de buscar a trajetória do campo, é necessário trazer sua evolução. Desde os principais momentos que levaram a cobertura esportiva a atingir o patamar atual, até as novas dinâmicas e debates instaurados no que se refere à editoria. Dentre eles, destaca-se a dúvida de classificação da editoria com a presença do entretenimento, visto que, por aderir a um tom mais “leve” na grande maioria dos momentos, pode haver uma confusão com a falta de seriedade - tanto por parte de quem consome o Jornalismo Esportivo como pelos profissionais que o produzem.

2.1. Surgimento da editoria

Embora seja uma área específica do campo do Jornalismo, o surgimento de pautas esportivas na imprensa, tanto brasileira, como mundial, segue um caminho semelhante a outros momentos históricos: a partir dos interesses das camadas mais favorecidas economicamente da sociedade. Tanto é que o futebol, esporte mais popular do mundo contemporâneo, não esteve dentre as primeiras modalidades a serem abordadas na mídia.

As primeiras publicações pela imprensa voltadas para o jornalismo esportivo aconteceram em 1854. O veículo de comunicação responsável foi o jornal francês *Le Sport - Journal des gens du monde*¹, com crônicas de modalidades como hipismo, remo e outras envolvidas nas parcelas mais elitizadas da população (Fonseca, 1997). Segundo a *Gallica*, formato digital da Biblioteca Nacional da França, a primeira edição do *Le Sport* foi publicada em 17 de setembro de 1854.

¹ O jornal francês *Le Sport - Journal des gens du monde* foi um periódico semanal que existiu entre 1854 e 1900.

Entretanto, há relatos, também, de que o primeiro periódico com publicações de notícias esportivas teria sido o *Bell's life in London, and Sporting Chronicle*², jornal inglês. Segundo o *British Newspaper Archive* (Arquivo de jornais britânicos), o veículo construiu sua reputação cobrindo lutas com premiações, mas se tornou uma fonte com credibilidade com a cobertura de uma variedade maior de esportes, como críquete, pesca, vela, xadrez e, principalmente, corrida de cavalos - com divulgação de calendários e resultados.

No geral, como o esporte era considerado um tema que refletia as camadas mais baixas da sociedade, foi necessário o patrocínio das elites para que ele atingisse maiores públicos. Neste contexto, o Barão Pierre de Coubertin³ teve papel fundamental: o aristocrata francês recuperou os Jogos Olímpicos da Grécia Antiga - que tiveram sua primeira edição em 1896, em Atenas. Assim, o esporte tornou-se valorizado (Fonseca, 1997).

Fonseca (1997) esclarece ainda que - contrariando a popular expressão alcunhada ao Brasil de “país do futebol” - o esporte também não era o grande destaque na imprensa local. Bem diferente dos dias contemporâneos, a veiculação do futebol na mídia não aconteceu tão logo a sua chegada no território nacional, a partir de Charles Müller, em 1894.

Maluly, Longo e Venâncio (2020), ao analisarem a história por meio do livro Jornalismo Esportivo no Brasil, contam que, no início do século XX, os jornais impressos dedicavam espaços tímidos para os esportes. Seguindo o padrão mundial, aqueles praticados pela elite brasileira da época ganhavam maior destaque. Neste contexto, o futebol - importado da Inglaterra - também estava incluído.

Apesar disso, o esporte em si não possuía tanto respaldo para ocupar páginas de jornais à época. Coelho (2003) destaca isso.

(...) Nos primeiros anos de cobertura esportiva era assim. Pouca gente acreditava que o futebol fosse assunto para estampar manchetes. A rigor, imaginava-se que até mesmo o remo, o esporte mais popular do país na época, jamais estamparia as primeiras

² O *Bell's life in London, and Sporting Chronicle* foi um jornal fundado por Robert Bell, em 1822. Começou como um periódico para notícias não apenas esportivas, mas também de cunho geral. Posteriormente, o esporte foi se tornando cada vez o carro-chefe nos anos posteriores. Ele existiu até 1886, quando foi vendido.

³ Charles Pierre de Coubertin nasceu em 1863, em Paris. Foi o responsável por propor a ideia de restabelecer os Jogos Olímpicos, tradição na Grécia Antiga.

páginas de jornal. Assunto menor. Como poderia uma vitória nas raias – ou nos campos, nos ginásios, nas 8 quadras – valer mais do que uma importante decisão sobre a vida política do país? (Coelho, 2003, p. 7-8).

Além disso, em São Paulo, na década de 1910, havia páginas de divulgação esportiva no jornal *Fanfulla*: “Não se tratava de periódico voltado para as elites, não formava opinião, mas atingia um público cada vez mais numeroso na São Paulo da época: os italianos.” (Coelho, 2003, p. 8).

Inclusive, uma das edições contava com um aviso que chamava a população italiana que habitava o Brasil para fundar um clube de futebol. Dessa forma, nasceu o Palestra Itália - que décadas mais tarde se tornaria o Palmeiras, em meio à Segunda Guerra Mundial.

Coelho afirma que o jornal trazia relatos de página inteira num tempo em que o futebol ainda não cativava multidões, além de informar as fichas de todos os jogos do clube dos italianos. Apesar de ressaltar que não existia o que se pode chamar hoje jornalismo esportivo, traz que, se não fossem aqueles relatos, ninguém jamais saberia informações sobre diversos momentos de diferentes modalidades esportivas.

Após o momento do surgimento, pode-se afirmar que a promoção ao título de “profissional” surge a partir da figura de Mário Rodrigues Filho⁴, que começou no universo do jornalismo pela parte literária, antes de seguir para o esporte. Apesar de ter ciência da maior relevância de outras editorias (como a policial), sua paixão pela área o fez seguir pelo caminho (Antunes, 2004, p. 123-124).

Ao longo da vida, Mário passou por diferentes veículos de comunicação e por diferentes funções no Rio de Janeiro. Castro (1992) recorda que ele foi convidado por Roberto Marinho, em 1931, a assumir o caderno de esportes do jornal *O Globo*. No mesmo ano, segundo Rodrigues (2004), fundou o periódico *O Mundo Esportivo* - um dos primeiros veículos com foco na editoria de esportes, mas que teve curta duração. Já em 1936, Mário Filho tornou-se proprietário do *Jornal dos Sports*, também com participação direta de Marinho.

Este último, inclusive, é considerado o primeiro veículo diário no Brasil a se dedicar com exclusividade aos esportes. Boa parte desse avanço do jornalismo

⁴ Mário Rodrigues Filho nasceu em 1908, em Recife, no estado de Pernambuco. Foi jornalista de grande importância para a área no Brasil. Não por acaso, o Maracanã, estádio mais popular do país, recebeu seu nome: Estádio Jornalista Mário Filho.

esportivo tem relação direta com a inclusão da população negra na prática, especialmente, do futebol. Quando o Vasco da Gama, clube do Rio de Janeiro, inclui essa camada da sociedade em sua equipe, ela consequentemente começa a fazer parte das publicações na imprensa. Com isso, a popularização do esporte ocasiona, também, na popularização do público que consome os jornais.

Além da vasta participação na mídia da época, Castro (1992) traz à tona como biógrafos de Mário Filho o apontam como uma das principais referências para o rompimento com o jornalismo esportivo em seu modelo antigo. Pela sua trajetória que vai de filho de proprietário de jornal até o ponto de ele mesmo se tornar dono de periódicos, ele foi um dos jornalistas que mais teve a preocupação de remodelar o modelo das publicações da área de esporte - em sua maioria, conservadoras - como relata seu próprio irmão, Nelson Rodrigues (1994).

Contudo, Coelho (2003) conta que havia, ainda, o desafio de lutar contra o preconceito a partir da inserção dos negros no mercado consumidor dos jornais. Isso sob o estigma de que só as pessoas de menor poder aquisitivo poderiam tornar-se leitoras do diário.

O preconceito não era infundado, o que tornava a luta ainda mais inglória. De fato, menos poder aquisitivo significava também menor poder cultural e consequentemente ler não constava de nenhuma lista de prioridades. E se o futebol – como os demais esportes – dela fizesse parte, seria necessário ao apaixonado ir ao estádio, isto é, ter menos dinheiro para comprar boas publicações sobre o assunto. (Coelho, 2003, p. 9).

Somente durante as décadas de 1960 e 1970 o jornalismo esportivo começou a ganhar o espaço regular nas páginas publicadas em jornais. Ou seja, a inserção da editoria aconteceu gradativamente e, de certa forma, lenta - principalmente se comparado à chegada da imprensa no Brasil. Já em 1808, com a chegada da corte portuguesa de D. João VI (que fugia das invasões das tropas de Napoleão Bonaparte), havia circulação de jornais no país, com destaque para a criação da *Imprensa Régia*, do *Correio Braziliense* e da *Gazeta do Rio de Janeiro*.

2.2. Momentos históricos

Para além das primeiras publicações com envolvimento do esporte em veículos de comunicação e de personagens históricos que tiveram papel fundamental na ascensão do jornalismo esportivo, alguns momentos da trajetória da editoria ficaram marcados. Isso porque o esporte não ganhou destaque apenas nos jornais impressos, como destacado no subcapítulo anterior. Pelo contrário: no decorrer dos anos, a evolução das tecnologias de comunicação expandiu o alcance da imprensa para o público - e, consequentemente, do mundo dos esportes.

1922 ficou marcado, no Brasil, como o ano em que o rádio foi apresentado à população local de forma oficial. A partir da década de 1930, sob o governo de Getúlio Vargas, a publicidade passou a ser autorizada nesse meio de comunicação. Já que o espaço do esporte crescia na imprensa nacional, ele foi utilizado estrategicamente para que essas ações alcançassem o maior número possível de audiência.

Apesar de o Brasil ser considerado o “país do futebol”, é importante diferenciar os momentos históricos do Jornalismo Esportivo (que, consequentemente, incluem a modalidade) e a história do próprio futebol com repercussão na mídia. Coelho (2003) reforça que o esporte não é sinônimo de futebol. Inclusive, é muito comum encontrar jornalistas que só têm conhecimento para cumprir sua função se relacionada a essa modalidade em específico. O autor também destaca que a falta de um profissional que compreende diversos esportes simultaneamente abre espaço para ex-atletas atuarem no meio.

De qualquer forma, a popularização do rádio, por exemplo, aconteceu, de certa forma, concomitantemente à do futebol, já que a profissionalização da modalidade converge com a época. Com isso, suas histórias na imprensa brasileira estão profundamente entrelaçadas - o que também pavimenta o caminho para outras modalidades ganharem espaço na mídia esportiva.

No caso do futebol no Brasil, essa popularização tem ligação direta com a profissionalização da modalidade. Segundo Caldas (1994), esse processo iniciou, efetivamente, em 1931. Neste ano, o futebol foi incluído entre as profissões que deveriam ser regulamentadas na Legislação Social e Trabalhista, contando com a participação do Estado nos principais momentos de sua reestruturação.

Em série de reportagens publicadas em 2022, sob o pretexto dos cem anos de rádio no Brasil, a *Agência Brasil* divulgou que só em 19 de julho de 1931 aconteceu a primeira transmissão de uma partida de futebol completa no meio de

comunicação. O veículo foi a *Rádio Educadora Paulista*, por meio da voz de Nicolau Tuma.

Ainda segundo a reportagem, apesar de existirem registros de transmissões esportivas no Rio de Janeiro na década de 1920, o que confere o caráter pioneiro à transmissão de Tuma é a forma pela qual a partida foi transmitida: a narração foi completa, lance a lance. Nas anteriores, o que acontecia era, basicamente, uma leitura de notícias sobre os jogos, com informações a respeito de resultados das partidas.

Embora haja quem dê créditos a Amador Santos como o responsável pela primeira transmissão esportiva do país, pela *Rádio Clube do Brasil* na década de 1920, Edileuza Soares, no livro *A Bola no Ar* (1994), reforça o título a Nicolau Tuma, no estado de São Paulo. Tuma, conforme a autora, foi o primeiro locutor a transmitir, durante 90 minutos, uma partida de futebol diretamente do estádio.

Por outro lado, Götz (2020), mais recentemente, afirma que Abílio de Castro teria feito uma narração esportiva uma semana antes de Tuma - em 12 de julho de 1931. Na ocasião, o veículo em que Castro realizou a cobertura foi a *Rádio Clube de Pernambuco*.

Já a primeira rádio dedicada exclusivamente ao esporte foi fundada em 1940: a *Rádio Panamericana* - hoje, a *Jovem Pan* -, como retrata Guerra (2012):

Ela tem um papel importante na história da transmissão esportiva pelo rádio. Foi a primeira emissora a se especializar em esportes. Criou seu departamento de esportes e trouxe, entre outras novidades para a narração do futebol, a figura do comentarista de arbitragem (Flávio Lazetti - "o juiz do juiz" - foi o primeiro a analisar os árbitros). Também foi a Pan que criou o seu plantão esportivo (profissional que atua nos bastidores, no estúdio, acompanhando outros jogos e dando suporte para a transmissão). Pedro Luiz foi quem deu a ideia e Narciso Vernizi foi o primeiro a ocupar a função. (Guerra, 2012, p. 30).

Além disso, Soares (1994) acrescenta que o crescimento desta rádio se expandiu também para o número de modalidades englobadas em sua cobertura esportiva: eventos de boxe, basquete, tênis, vôlei e outras passaram a ser transmitidos pelo veículo de comunicação.

Enquanto isso, por demandar um padrão tecnológico mais avançado - que envolve não apenas o áudio, mas também a parte visual -, a televisão demorou um tempo maior para chegar ao país. Isso aconteceu apenas em 1950, o que,

consequentemente, marca também a entrada do jornalismo esportivo em mais um veículo de comunicação. A primeira reportagem para TV foi gravada em uma partida entre Portuguesa de Desportos e São Paulo (Bretones, 2010).

Em 18 de setembro daquele ano, era inaugurado o primeiro canal de televisão do país: a *TV Tupi*, em São Paulo, por Assis Chateaubriand. Segundo reportagem da *Agência Brasil*, a primeira transmissão esportiva realizada no meio de comunicação também envolvia futebol. Em um duelo entre Palmeiras e São Paulo, diretamente do Estádio do Pacaembu, em São Paulo, apenas o segundo tempo foi transmitido, devido a problemas técnicos.

Ainda no âmbito do futebol, é importante destacar as primeiras transmissões no Brasil na principal competição da modalidade: a Copa do Mundo. Na mídia sonora, a *Rádio Clube do Brasil*, no Rio de Janeiro, transmitiu a vitória do Brasil sobre a Polônia, válida pelas oitavas de final da Copa de 1938, na França. Já na TV, apesar de ter estreado no país em 1950, o Mundial seguinte (de 1954) ainda não teve transmissão audiovisual, como destaca Ribas (2010):

Obviamente, isto estava sujeito às tecnologias da época, de modo que apenas oito países - Alemanha, Bélgica, Dinamarca, França, Holanda, Inglaterra, Itália e Suíça - poderiam ver os jogos ao vivo. Os outros (Brasil, entre eles) tinham que se contentar com o rádio. E as imagens eram todas em preto e branco, uma vez que não havia TV a cores. (Ribas, 2010, p. 69).

O ‘boom’ da televisão enquanto meio de comunicação no Brasil coincidiu com o período após o golpe de 1964, que deu início à ditadura militar no Brasil. Isso porque era explorada com o intuito de fazer propaganda positiva para manutenção do regime e sob a justificativa de manter a ordem no país. Nesse sentido, o futebol acabou, da mesma forma, tornando-se instrumento para o governo da época.

Na Copa do Mundo de 1970, realizada no México e vencida pela Seleção Brasileira, foi realizada a primeira transmissão ao vivo no país na TV com cores - não mais em preto e branco -, via satélite. As edições anteriores a essa também mostravam imagens, mas não eram coloridas e chegavam apenas um tempo depois, em formato de videotape.

Ainda na década de 1970, Amorim (2008) avalia o impacto e o papel da televisão no período:

No esporte, os anos 70 foram ricos em todo tipo de transmissão: das olimpíadas aos clubes esportivos, das copas mundiais ao futebol de várzea. Num período de repressão política, o incentivo do esporte na TV, pelo governo militar, foi uma das fórmulas utilizadas para afastar o grande público dos problemas sociais e políticos do país. A televisão não regateou esforços para transformar qualquer transmissão em grande show, utilizando a mais cara e moderna tecnologia. Todo tipo de esporte passou a ser veiculado, com muitos interesses comerciais envolvidos. Tal fato, por outro lado, teve um saldo positivo: fez com que o brasileiro se interessasse e praticasse variadas modalidades esportivas. (Amorim, 2008, p. 43).

No caso dos Jogos Olímpicos, que envolvem muitas outras modalidades além do futebol, a estreia nas rádios brasileiras aconteceu em 1936, na edição de Berlim. Além dos programas voltados para os Jogos Olímpicos, em especial no veículo *Correio da Manhã*, o próprio veículo noticiou na época que o Comitê Olímpico do Brasil (COB) enviou um convite para a Associação Brasileira de Imprensa nomear um jornalista para viajar até a Alemanha e realizar a cobertura do evento. Na ocasião, o escolhido foi Antônio Cordeiro, do jornal *A Noite* (Almeida, Araújo e Rubio, 2023).

Enquanto isso, os Jogos Olímpicos só tiveram transmissão ao vivo e com imagens em 1972, na edição de Munique - também na Alemanha. A *Rede Globo*, em seus arquivos de memória, relata que transmitiu algumas provas ao vivo, além de os telejornais '*Jornal Hoje*', '*Jornal Nacional*' e '*Jornal Internacional*' apresentarem boletins diários sobre o evento.

Para além do jornalismo em veículos impressos, radiofônicos e televisivos, a criação da principal revista esportiva do Brasil, a *Placar*, também se destaca. Ela surgiu pouco antes da Copa do Mundo de 1970, no México.

Foi uma pequena revolução na linguagem, com a devida licença histórica, e marcou a passagem do jornalismo esportivo "mecanizado" para o "humanizado". Nas palavras de um genuíno representante dessa transformação, o jornalista Sérgio Baklanos, o esporte nos anos 1970 "saiu da cozinha para a sala de estar". A trilha da humanização foi criada e seguida por diários como o *Jornal da Tarde*, em São Paulo, o *Jornal do Brasil*, no Rio, e, por algum tempo pelo *Zero Hora*, de Porto Alegre, além da já citada *Revista Placar*. (Vilas-Boas, 2005, p.63-64).

Outro momento relevante para a história do jornalismo esportivo é a inclusão das mulheres nas redações. Como em boa parte das ocasiões, o público feminino é

deixado em segundo plano. No mundo dos esportes, a diferença de oportunidades consegue ser ainda mais gritante, por muitas vezes ser considerado um ambiente masculino.

A primeira mulher que exerceu a função de jornalista esportiva no Brasil foi Maria Helena Rangel. Ela foi convidada a fazer parte da *Gazeta Esportiva* em 1947, enquanto ainda estava na faculdade Cásper Líbero. Maria Helena também era formada em Educação Física pela Universidade de São Paulo (USP), além de atleta de arremesso de disco (Ramos apud Dantas, 2016).

De acordo com Ribeiro (2007), as mulheres não conseguiram participar de transmissões esportivas até a década de 1970. Nos anos 80, Isabela Scalabrini tornou-se uma das primeiras do público feminino a produzirem reportagens de cunho esportivo. Já em 1997, em uma partida de futebol feminino no Torneio Primavera, Luciana Mariano entrou na história como a primeira narradora de futebol na televisão aberta no Brasil, enquanto trabalhava na *Band*.

Outros dois nomes mais recentes e de importância para o Jornalismo esportivo feminino são Renata Silveira e Ana Thaís Matos. A primeira coleciona momentos de pioneirismo no currículo: foi a primeira mulher a atuar como narradora em um jogo no rádio (pela *Rádio Globo*), na Copa do Mundo de 2014; narrou a Copa de 2018 na TV fechada, pela *Fox Sports*; trabalhou na mesma função nos Jogos Olímpicos de 2020 (realizadas em 2021) em jogo da Seleção Brasileira; como voz feminina no *SporTV*⁵; e ainda, na última Copa, em 2022, chegou ao posto de primeira mulher a narrar um jogo da competição na TV aberta. Já Ana Thaís abriu as portas para as jornalistas mulheres cumprirem a função de comentarista. Foi a primeira a realizar o feito, em uma partida do Campeonato Brasileiro de 2019, na televisão aberta.

2.3. Jornalismo Esportivo: informação ou entretenimento?

Nos tempos recentes, que configuram uma era digitalizada do esporte e de todos os outros setores que envolvem a sociedade, surge o questionamento de uma possível sobreposição do entretenimento em relação à razão - o que não se limita ao universo do Jornalismo Esportivo.

⁵ O *SporTV* é um canal de televisão fechada (por assinatura), pertencente ao *Grupo Globo*. Seu início aconteceu em 1991, com o nome *Top Sport* - que perdurou até 1994.

O jornalista Juca Kfouri já falou sobre o assunto, ressaltando que sofremos da “leifertização do jornalismo esportivo”. Segundo ele, em entrevista no programa *Voz Ativa*, exibido em fevereiro de 2018 pela *Rede Minas* em parceria com o *El País*:

É muita gracinha. Briga-se pra saber quem é mais engraçadinho, quem faz a melhor piada. Não estou pregando o mau humor, é bom dar risada. Mas tem uma hora pra rir e uma hora pra chorar. Não podemos eliminar o que há de sério no esporte, porque as coisas se misturam, são faces da mesma moeda. Não dá pra pensar o Brasil sem pensar o futebol brasileiro. Não dá pra pensar o futebol brasileiro sem pensar na política, na supraestrutura do Brasil. (Kfouri, 2018).

O uso do termo se refere ao também jornalista Tiago Leifert, que teria sido responsável por não apenas se utilizar da prática de redigir e falar textos mais descontraídos para tratar sobre temas do esporte, na época em que comandou a apresentação do *Globo Esporte*, na *TV Globo*. Em muitas ocasiões, o apresentador transformava a pauta em questão em uma abordagem exclusivamente voltada para o entretenimento de quem assistia.

Para associar a informação e o entretenimento, é necessário utilizar a perspectiva mercantilizada do jornalismo, como esclarece Padeiro (2015):

A incessante procura do ser humano por notícias resulta em uma indústria da informação. Em virtude de fatores como a expansão da tecnologia e o estabelecimento de uma classe consumidora, as empresas de comunicação convertem as informações em notícias, para oferecê-las à sociedade como produto, sob caráter mercantil, porém sem perder sua função social (Padeiro, 2015, p. 22).

Nesse sentido, as empresas de comunicação atuam sob o objetivo capitalista de converter o seu produto (no caso, o Jornalismo) em maiores ganhos financeiros. O esporte é uma das editorias que possui maior potencial a partir deste ideal, já que pode incluir, em suas pautas, um maior número de emoções em quem consome se comparado aos demais temas. Ao mesmo tempo em que existem pessoas com o objetivo de utilizar o Jornalismo Esportivo para se informar, outras possuem interesse apenas na parte lúdica, voltada para os sentimentos que um evento esportivo pode gerar em quem o consome enquanto audiência.

O protagonismo do entretenimento no jornalismo esportivo torna-se ainda mais explícito durante megaeventos, como a Copa do Mundo e os Jogos Olímpicos.

Camargo (2005) destaca que durante as semanas em que essas competições são disputadas:

(...) além das informações para o público e da espera de resultados e medalhas, a televisão traz, em escala mundial, os enfoques emocionais e nacionalistas. Percebe-se que a dimensão mais crítica sobre o evento esportivo perdeu espaço para os aspectos ideológicos e sentimentais, tão bem elaborados pelo locutor do evento, que envolve o telespectador. (Camargo, 2005, p. 32-33).

Em meio às dinâmicas que colocam uma linha tênue entre a informação e o entretenimento na área, surge o conceito de “infotainment”. Fábia Dejavite (2003) explica que o termo ganhou maior destaque na década de 1990, referindo-se a um jornalismo que traz informação com divertimento. O esporte está dentro das editorias cujo conteúdo tem relação com o infotainment citadas pela autora, junto a comportamento, hobbies, moda e celebridades, além de outras possíveis temáticas.

A importância e necessidade de especialização do jornalismo para tratar de assuntos ligados ao esporte surge em momentos como os de utilização do infotainment. Apesar da possibilidade de emprego de um tom menos sério nos textos jornalísticos quando o esporte está envolvido, seu excesso pode gerar problemas.

A perspectiva e a motivação da mistura entre jornalismo e entretenimento tem como objetivo a aproximação do público com quem informa, além de buscar maiores audiências. Mas pela formação de jornalistas, a ideia é não permitir que sua função social seja esquecida. Afinal, o esporte também envolve situações mais sérias, como por exemplo dramas humanos, histórias de superação, conflitos que emergem das interações humanas, entre outras.

É nessa discussão que surge mais um tópico: a necessidade do diploma de graduação no curso de Jornalismo para exercer a profissão. Sem a imposição, qualquer pessoa pode “fazer jornalismo”. Isso acaba desvalorizando a área, já que somente quem completou a formação tem a capacidade de cumprir a função não apenas a partir dos ensinamentos técnicos e teóricos, mas também sob o olhar social e ético que a profissão demanda.

Em grandes emissoras, é cada vez mais comum a presença de ex-atletas, ex-treinadores e ex-árbitros na cobertura de eventos esportivos. Até certo ponto, é interessante contar com o conhecimento gerado a partir de experiências pelos

personagens. Boa parte dos jornalistas não tiveram a oportunidade de passar pelas mesmas vivências. Entretanto, deve haver uma separação bem definida entre o papel de cada um nas transmissões.

Enquanto os esportistas podem agregar com comentários em situações específicas, por exemplo o que o atleta poderia ter feito de diferente em um lance que acabou dando errado durante o jogo, o jornalista entra com informações e comentários baseados em dados ou fatos - também referentes a uma informação apurada por ele. Nos Jogos Olímpicos de 2024, a diferença entre as transmissões da CazéTV⁶ e da *Rede Globo* exemplifica a questão.

O canal (uma parceria entre Casimiro Miguel⁷ e a *LiveMode*⁸) adota um tom menos sério, com mais brincadeiras e utilização de ex-atletas de forma mais leve, muitas vezes fazendo parecer como se o cenário fosse o de o público assistindo ao narrador, aos comentaristas e aos repórteres enquanto eles assistem ao mesmo evento e “conversam” a respeito dele. O espaço para quem compõe a mesa de transmissão é mais aberto para que eles tenham atitudes menos sérias.

Já a emissora, como de costume, tende a adotar uma perspectiva mais contida e, de certa forma, mais tradicional - não a ponto de não promover situações leves à audiência. Os atletas, que não são formados em jornalismo, cumprem seu papel de esclarecer situações de jogo, principalmente em modalidades menos conhecidas.

Essa diferenciação faz parte do objetivo de cada emissora, além de envolver a questão do meio em que realizam as transmissões: a *Globo* utiliza, principalmente, a televisão; a CazéTV, a plataforma digital. Cada um tem seu público-alvo e seu nicho. No cenário, surge o conceito de enquadramento midiático. Conforme Gutmann (2006), significa uma das estratégias utilizadas pelo jornalismo para construir os modos como se quer que os conteúdos sejam consumidos pelo público.

⁶ A CazéTV é um canal no YouTube que conta, atualmente, com mais de 17 milhões de seguidores. Criado em novembro de 2022 para a transmissão da Copa do Mundo de futebol masculino, já transmitiu diversas outras competições, como a Copa do Mundo de futebol feminino de 2023 e os Jogos Pan-Americanos de 2023.

⁷ Casimiro Miguel é influenciador digital e *streamer*. Já atuou como jornalismo, no *Esporte Interativo*, *TNT Sports* e *SBT Rio*, até se destacar nas plataformas digitais. É o criador da CazéTV.

⁸ A *LiveMode* é uma empresa de mídia e marketing esportivo. Com sede no Rio de Janeiro e fundada em 2017, adquiriu direitos de transmissão de competições da Fifa, de alguns estaduais e outros campeonatos.

Embora em alguns casos seja interessante a utilização de pessoas com vivências nos respectivos esportes em transmissões, é importante destacar que, no geral, substituir jornalistas por esse público diminui a qualidade do produto. Isso porque o evento torna-se apenas um espetáculo, como se o que importasse durante a cobertura de uma partida não fosse a realização dela por completo, enquanto quem a comanda passa informações para quem a assiste. Pelo contrário: apenas aproveita o nome dos ex-atletas enquanto a transmissão fica cheia de opiniões e poucas informações.

Apesar da possibilidade de o esporte ser considerado uma forma de lazer, não se pode esquecer o compromisso com os parâmetros da informação. Em entrevista concedida a Padeiro (2015) em 2014, Dejavite coloca o esporte como uma editoria de infotainment:

O próprio esporte em si, em termo de conteúdo para o jornalismo, já é entretenimento. Infotainment não é sinônimo de emburrecimento, nem significa que assuntos sérios sejam preteridos. Para o leitor, o telespectador ou o usuário, entretenimento não é antônimo de informação. Para ele, o contrário de informação é aquela notícia que não o atrai. (...) Info é interesse público, e entretenimento é interesse do público. Temos de buscar o equilíbrio no momento da seleção das pautas, naquilo que vai ser editado e na forma como vai ser editado, no que vamos oferecer de informação, principalmente na maneira como isso será trabalhado. (Dejavite, 2014).

Heródoto Barbeiro e Patrícia Rangel (2006) reforçam esse argumento, destacando que “Jornalismo é jornalismo, seja ele esportivo, político, econômico, social”. Além disso, enfatizam que ele pode ser propagado em televisão, rádio, jornal, revista ou internet: “Não importa. A essência não muda porque sua natureza é única e está intimamente ligada às regras da ética e do interesse público”.

Ou seja, não importa a editoria ou o veículo em questão: a informação - grande diferencial do jornalista em relação às demais profissões - deve ser sempre a protagonista, já que é ela que guia o trabalho jornalístico. No caso do esporte, é possível incluir o entretenimento, devido às características próprias de suas pautas, que tendem a não ser tão “pesadas” como outras editorias. Contudo, a responsabilidade com a informação, somada às suas questões éticas, deve guiar a abordagem do profissional.

Em sua dissertação de mestrado, Mariana Corsetti Oselame (2013), enquanto desenvolve seu trabalho para falar sobre o “fim da notícia”, aborda a tentativa de

transformar o jornalista em artista como “consequência direta do predomínio da lógica comercial no jornalismo esportivo”. Segundo ela, reforçada pelo trabalho de Barbeiro e Rangel (2006):

(...) jornalista trabalha com os fatos, com a realidade, e tem a missão de levar ao público as informações sobre os eventos esportivos. O artista ganha a vida com a ficção e, ao contrário do profissional do jornalismo, pretende, com a sua arte, fazer rir e chorar. Devido às características próprias da televisão enquanto meio de comunicação, não raro essa fronteira se torna muito tênue. E o jornalista – especialmente o que atua na área esportiva – acredita que a sua principal missão não é informar, mas emocionar, tomando para si o papel que deveria ser desempenhado pelo artista. (Oselame; Costa, 2013).

Usando o telejornalismo esportivo como referência para a agregação entre jornalismo e entretenimento, a autora reforça o uso de dois aspectos na tentativa de cativar a audiência, ainda sob a perspectiva comercial: “a linguagem informal, mais próxima ao dia-a-dia do telespectador, e o fato de ser um tema universal, acessível a todos, independentemente do grau de escolaridade, do gênero, das condições financeiras e culturais”.

2.4. Esporte nos cursos de Jornalismo

Para chegar ao patamar de jornalista com diploma e trabalhar na editoria de esportes, é recomendável passar, primeiramente, pela graduação no curso, apesar de - à época que esse trabalho é feito - ainda persistir a decisão do Supremo Tribunal Federal (STF) da não necessidade de diploma para exercer a profissão. Nesta fase da formação, é responsabilidade do estudante correr atrás de seus objetivos e se preparar para o mercado de trabalho. Da mesma forma, por parte dos cursos, é fundamental oferecer aos discentes uma educação ampla não apenas desenvolvendo o repertório teórico e prático em diferentes meios de comunicação.

Também é necessário abordar o trabalho jornalístico em diversas editorias, com o intuito de formar profissionais com conhecimentos variados e com capacidade de atuar nas mais diferentes áreas. É cada vez mais comum que aqueles que chegam ao mercado como trabalhadores multifacetados tendem a alcançar melhores oportunidades, na maioria dos casos.

Após desenvolver a temática do Jornalismo Esportivo, o presente trabalho, junto ao Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) da também discente Sthefany Paiva⁹, se propôs a entrevistar coordenadores de cursos de Jornalismo, em diferentes cursos, a respeito do espaço da editoria de esportes em cada uma delas. O objetivo foi investigar a atenção dedicada ao setor no ambiente acadêmico (em ensino, extensão e pesquisa), além de apurar se há algum trabalho de cobertura e outros projetos como os realizados na Universidade Federal de Juiz de Fora.

A escolha foi feita a partir de Universidades Federais que receberam conceito máximo (5) no Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (Enade)¹⁰ de 2022 - último resultado divulgado. Outro fator levado em consideração foi a proximidade geográfica à UFJF. Com isso, foram escolhidas: Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Universidade Federal Fluminense (UFF), Universidade Federal de Viçosa (UFV) e Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). Além disso, a UFJF também foi questionada para se posicionar quanto ao assunto.

As perguntas foram divididas em cinco tópicos: surgimento e evolução das escolas e cursos de Jornalismo; a especialização em Jornalismo Esportivo nas Universidades; desafios e adaptação às novas demandas do mercado; contribuições para a formação de novos profissionais; e perspectivas futuras para o Jornalismo Esportivo nas universidades.

Infelizmente, não foi possível obter retorno da UFV e da UFF a tempo de entrar no presente trabalho. Já a UFMG respondeu à demanda por meio de seu Colegiado de Graduação em Jornalismo. Apesar de destacar que a iniciativa é “interessante e pertinente”, afirmou que não seria possível retornar com sua parte dentro do prazo, visto que a professora que leciona a disciplina de Jornalismo Esportivo, à época, estava impossibilitada de participar por questões outras.

A coordenadora do curso de Jornalismo na Faculdade de Comunicação da UFJF, Ana Paula Dessupoio, destacou que o Jornalismo Esportivo é abordado de forma específica, por meio de disciplinas opcionais. Além disso, o conteúdo é

⁹ A discente Sthefany Paiva desenvolveu o TCC “Por Trás de ‘Nos Acréscimos’: uma experiência de Jornalismo Esportivo feita por alunos na Facom-UFJF”. O objetivo foi produzir uma grande reportagem audiovisual que conta a história do projeto.

¹⁰ Exame aplicado pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) desde 2004 que “avalia o rendimento dos concluintes dos cursos de graduação em relação aos conteúdos programáticos previstos nas diretrizes curriculares dos cursos, o desenvolvimento de competências e habilidades necessárias ao aprofundamento da formação geral e profissional, e o nível de atualização dos estudantes com relação à realidade brasileira e mundial”, segundo o Governo Federal.

integrado com outras matérias, apesar de não como tema principal. De forma semelhante, a coordenadora do curso na Escola de Comunicação da UFRJ, Tatiane Leal, conta que há uma disciplina para a editoria na grade curricular desde 2019 - currículo anterior (2001), já era eventualmente oferecida, mas utilizando códigos genéricos. Ela é oferecida conforme a disponibilidade pelo jornalista Marcelo Barreto¹¹, do *SporTV*, além da abordagem em outras matérias obrigatórias.

A professora da UFRJ acrescenta ainda a existência de projetos de extensão e outros práticos criados pelos próprios alunos da Faculdade. Um deles com o objetivo de realizar a cobertura de times de menor expressão no Rio de Janeiro. O principal desafio, para Tatiane, é ter professores aptos e com carga horária livre para oferecer a disciplina. “Os docentes efetivos que temos com expertise na área estão com a carga comprometida com disciplinas obrigatórias, que são sempre prioridade. O mesmo acaba ocorrendo com professores substitutos”, explica.

Em nenhuma das duas Universidades que responderam é oferecida uma especialização formal em Jornalismo Esportivo. Contudo, ambas reforçam que contam com projetos de extensão na área. A UFRJ programa palestras com profissionais do mercado e visitas a redações jornalísticas: “no segundo semestre de 2024, acompanhei um grupo de alunos na gravação de um programa esportivo da *TV Brasil*¹², prática recorrente em nosso curso”, relembra Tatiane.

Sobre os principais desafios enfrentados pelos cursos universitários de Jornalismo, como a evolução tecnológica e a mudança nas formas de consumo de conteúdo esportivo, Ana Paula Dessupoi ressalta a atualização constante de currículos para refletir as novas tecnologias e a necessidade de os alunos se adaptarem ao formato digital de consumo de notícias na área. “A inclusão de práticas com mídias sociais e cobertura em tempo real deve ser uma prioridade no processo educativo”, enfatiza a coordenadora do curso na UFJF. Já Tatiane Leal fala da indisponibilidade de equipamentos, sobrecarga e escassez de professores. Além disso, “o currículo foi atualizado recentemente e os alunos são incentivados a trazer desafios e questões contemporâneas para as aulas”.

Para Dessupoi, as principais contribuições da especialização no Jornalismo Esportivo para formar profissionais para o mercado de trabalho é o aprofundamento

¹¹ Marcelo Barreto é jornalista e atual apresentador do “*Redação SporTV*”, desde 2018.

¹² A *TV Brasil* é um veículo de televisão público, criado em 2007 e gerido, sobretudo, pela *Empresa Brasileira de Comunicação (EBC)*.

em linguagem e técnicas jornalísticas, conhecimento específico sobre o esporte, capacitação em mídias digitais e novas tecnologias, ética e responsabilidade na cobertura esportiva e preparação para um mercado diversificado. Leal acredita se tratar de uma área fundamental no Jornalismo e do sonho de uma parcela considerável de alunos. “A cada semestre aumenta a presença de alunos no curso que escolheram o jornalismo por conta da paixão pelo esporte.”

Quanto às perspectivas futuras para o Jornalismo Esportivo no contexto das universidades brasileiras, a coordenadora do curso na UFJF analisa que tende a seguir um caminho de maior especialização e diversificação. “Com o crescimento de novas modalidades esportivas e o fortalecimento de nichos, há um movimento para incluir conteúdos que vão além do futebol, abordando esportes olímpicos, paralímpicos e eletrônicos.” A coordenadora do curso na UFRJ inclui a esse tópico o interesse feminino, cada vez mais crescente. “As alunas querem trabalhar com jornalismo esportivo e também questionar e analisar criticamente as desigualdades de gênero nesse campo.”

Outro ponto destacado por Ana Paula Dessupoi é que os currículos devem enfatizar “não apenas a cobertura jornalística tradicional, mas também o impacto social, político e econômico do esporte, preparando os alunos para uma atuação mais ampla no mercado”. Tatiane Leal também fala sobre questões de gênero e raça no jornalismo esportivo: “é um tema de fortes intersecções culturais e políticas e a demanda desse tipo de discussão é cada vez maior, por parte dos alunos, profissionais e sociedade”.

Por fim, quanto à proposta para aprimorar o ensino do Jornalismo Esportivo, Dessupoi pondera que é essencial investir em laboratórios de produção multimídia, parcerias com veículos especializados e uma abordagem interdisciplinar que conecte comunicação, tecnologia e gestão esportiva. Leal, professora de Teoria da Comunicação II, enaltece a importância de reconhecer o interesse dos alunos no tema e trazê-lo para as aulas: “ao ver que 15 dos meus 40 alunos tinham o Jornalismo Esportivo como preferência, procurei trazer exemplos relacionados à área em minhas discussões no curso”. Tatiane Leal defendeu ainda a necessidade de abrir espaço para que os estudantes possam realizar coberturas esportivas, inclusive no meio universitário, incentivar projetos de alunos e a participação feminina no Jornalismo Esportivo.

3. A COBERTURA JORNALÍSTICA DE EVENTOS ESPORTIVOS

Após a abordagem histórica e o debate sobre as novas tendências e dinâmicas do Jornalismo Esportivo, é possível dar prosseguimento à contextualização do trabalho. Este capítulo tem o objetivo de aprofundar a discussão sobre a cobertura jornalística de grandes eventos esportivos e aproxima-la do objeto de estudo final, que é o trabalho da *Rádio Facom 59*¹³ e do *Nos Acréscimos*¹⁴ na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024 em diferentes plataformas.

O objetivo é discutir os eventos esportivos enquanto produtos consumidos em larga escala, com atratividade para o público. Em seguida, incluir a participação da mídia, que os coloca como pauta em seu trabalho diário. Também é fundamental afunilar o trabalho para seu objetivo principal: a cobertura jornalística dos projetos citados.

É importante abordar a trajetória da imprensa na cobertura dos grandes eventos esportivos, sobretudo dos Jogos Olímpicos. Desde o início, com os veículos de comunicação radiofônicos, até os dias atuais, com o surgimento das mídias digitais e maior participação das redes sociais para um trabalho praticamente instantâneo de divulgação de informações.

3.1. Grandes eventos esportivos

Não é segredo que eventos esportivos de grande porte demandam inovações e investimentos constantes, já que são produtos que precisam manter a atratividade para continuarem a ser consumidos pelo público e, consequentemente, gerar lucros para que sejam realizadas novas edições. Para isso, existe a necessidade de torná-los atrativos, já que envolvem tanto o interesse de fãs - incluindo os sentimentos que fazem parte do esporte - como os interesses financeiros - tratando os eventos enquanto produto que gera lucro para quem os organiza, quem os cobre, os patrocina e, até mesmo, para os atletas envolvidos.

¹³ Rádio universitária da Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Atualmente, funciona em formato web.

¹⁴ Projeto desenvolvidos por estudantes da Faculdade de Comunicação da UFJF. Atua em modelo multiplataforma, unindo diferentes meios de comunicação para produzir conteúdo relacionado ao esporte. Já produziu ou continua produzindo conteúdos para as seguintes redes sociais: Instagram, TikTok, X, blog, Twitch, YouTube e rádio.

Tavares (2011) propõe uma reflexão sobre a conceituação de Megaeventos. Dentre os autores abordados, DaCosta; Miragaya (2008, p. 36) definem o termo como de curta duração, mas com preparação longa e, por vezes, intermitente. Neste caso, acontece em escala de milhões de participantes.

Outra referência utilizada para embasar o trabalho foi Hall (2006). Segundo o autor:

Megaeventos são, portanto, um componente extremamente significativo da promoção do local, porque podem deixar legados sociais, econômicos e físicos, que terão um impacto na comunidade anfitriã durante um período muito maior do que aquele em que o evento aconteceu. (Hall, 2006, p. 59).

Além disso, destaca que os megaeventos esportivos surgem como elementos centrais no local da competição de pelo menos três maneiras:

Primeiramente, a infraestrutura necessária para tais eventos é geralmente considerada parte integrante de um maior desenvolvimento econômico, seja como um recurso de comodidade ou como infraestrutura. Segundo, a realização de eventos é vista como uma contribuição para a vitalidade comercial e o desenvolvimento econômico. Em terceiro lugar, a capacidade de atrair eventos é frequentemente considerada como um indicador de desempenho por direito próprio da capacidade de uma cidade ou região competir. (Hall, 2006, p. 64).

Aprofundando o raciocínio, Horne e Manzenreiter (2006, p. 1-2) destacam que:

Assim como o esporte competitivo moderno e eventos esportivos em larga escala se desenvolveram junto à lógica da modernidade capitalista, megaeventos esportivos e a cultura esportiva global são agora fundamentais para as sociedades que adotaram tardivamente o sistema. (Horne; Manzenreiter, 2006).

Ainda conforme os autores, os Jogos Olímpicos de Verão e a Copa do Mundo de futebol masculino, enquanto eventos midiáticos, fornecem recursos culturais para refletir sobre identidade e a capacidade de agir e influenciar o mundo ao redor.

Dessa forma, é possível compreender como os grandes eventos esportivos desempenham diferentes papéis na sociedade como um todo - sobretudo, na comunidade que os sedia. No contexto do capitalismo contemporâneo, é impossível

não associá-los aos números que atingem tanto no alcance de pessoas, quanto audiência, como no dinheiro envolvido em suas realizações.

O *Super Bowl*, que é a final da *National Football League* (NFL) - liga estadunidense de futebol americano -, é conhecido como um dos principais eventos nesse sentido. A edição LVIII (a nomenclatura é por meio de algarismos romanos), realizada em 2024 e vencida pelo *Kansas City Chiefs* sobre o *San Francisco 49ers*, foi a mais assistida na televisão na história do campeonato: cerca de 123,4 milhões de pessoas, em média, acompanharam o jogo no dia 13 de fevereiro nos Estados Unidos - 7% a mais que em 2023 -, conforme estimativa da *Nielsen Fast National*¹⁵ e do *Adobe Analytics*¹⁶.

Além disso, os dados apontam que aproximadamente 202,4 milhões de espectadores assistiram a pelo menos uma parte do jogo no país (aumento superior a 10% se comparado ao ano anterior). Fora dos EUA, a partida foi transmitida em mais de 195 países e territórios e atingiu audiência de 62,5 milhões na TV, um crescimento de 10% em comparação à última edição do *Super Bowl*¹⁷.

Apesar dos números de audiência cada vez melhores, o principal jogo do torneio de futebol americano ainda fica atrás de outros eventos esportivos. A final da última edição da *Copa do Mundo* (de 2022, no Catar), vencida pela Argentina nos pênaltis sobre a França, foi assistida na TV, pelo menos em partes, por cerca de 1,5 bilhão¹⁸ de pessoas em todo o mundo, conforme dados da própria *Federação Internacional de Futebol (Fifa)* - que organiza o torneio.

No Brasil, a partida mais acompanhada ao vivo na televisão não foi a final, já que a própria *Seleção Brasileira* não se classificou para a partida decisiva. Ao mesmo tempo, não foi o último jogo disputado pela *Canarinho* na edição do torneio, quando foi eliminada pela Croácia nos pênaltis: nas oitavas de final, a equipe treinada por Tite enfrentou a Coreia do Sul e se classificou para a fase seguinte ao

¹⁵ A *Nielsen* é uma empresa germânico-americana, com sede em Nova Iorque, nos Estados Unidos. Atua na medição de audiência, com dados e análises que têm como objetivo ajudar a “moldar o futuro da mídia”, como a própria companhia destaca.

¹⁶ O *Adobe Analytics* é uma ferramenta de análise, por meio de *Big Data*, de forma profunda e em tempo real, dados coletados em determinado site. Faz parte da *Adobe Systems Incorporated*, empresa estadunidense que desenvolve softwares.

¹⁷ Todos os dados que envolvem o *Super Bowl* foram retirados do site da própria NFL, que fez a publicação com base no estudo da *Nielsen* e do *Adobe Analytics*.

¹⁸ Dado obtido através de publicação da *Fifa* em seu site oficial no dia 18 de janeiro de 2023, arquivada pela própria entidade.

vencer por 4 a 1. A *Kantar Ibope Media*¹⁹ divulgou que a *TV Globo* e o *SporTV*, detentores dos direitos de transmissão da competição no país, marcaram 57 pontos²⁰ de audiência domiciliar no jogo (à época, cada ponto nacional equivalia a 258.821 domicílios e 713.821 indivíduos). Vale destacar que o cálculo é feito nos 15 mercados da empresa (que abrangem todas as regiões do Brasil).

Por outro lado, nas plataformas de streaming, a *CazéTV* quebrou o recorde mundial de audiência no YouTube na mesma partida: o canal atingiu 5,2 milhões²¹ de espectadores simultâneos no evento.

Com a grande diferença de dados entre o futebol e o futebol americano, vale destacar que a Copa do Mundo abrange diversos públicos de diferentes países e culturas, já que é o esporte mais popular do planeta em termos globais. Por outro lado, o *Super Bowl* acaba sendo mais nichado, visto que a popularidade da modalidade não é tão extensa como a do futebol. O outro possui maior interesse, sobretudo, nos Estados Unidos.

A *Rede Globo* e a *CazéTV*, apesar de não serem concorrentes diretos em termos de audiência durante os Jogos Olímpicos de 2024, em Paris, foram os principais veículos na cobertura do evento para o Brasil. Enquanto o primeiro transmitiu pela televisão - por meio da *TV Globo* (aberta) e do *SporTV* (fechada) -, streaming (*Globoplay*) e em suas plataformas digitais (como o *GE* e suas redes sociais, o segundo cobriu os jogos pelos serviços digitais (YouTube) e nas redes sociais. Além deles, o canal do *Time Brasil*²² também transmitiu o evento.

¹⁹ A *Kantar Ibope Media* é a divisão latino-americana da *Kantar Media*. O principal objetivo da empresa é fazer medições de audiência na televisão, além de outras pesquisas e monitoramentos relacionados a meios de comunicação. No Brasil, o trabalho é feito por meio de pontos, que representam milhares de domicílios com a TV ligada na Região Metropolitana de São Paulo.

²⁰ Divulgado no próprio site da empresa. A *Kantar* explica que para identificar a audiência de canais de emissoras lineares, utiliza-se um aparelho eletrônico chamado *Peoplemeter DIB 6*. Desenvolvido pela própria empresa, os DIBs são conectados a todas as TVs dos domicílios que participam da amostra e reportam se a televisão está ligada, qual o canal de sintonia e o sinal (UHF, VHF, TV paga, parabólicas, VCR/DVD e videogames) e os dados demográficos de quem está assistindo. Cada indivíduo do domicílio possui uma identificação (botão numerado que corresponde ao nome), o que permite disponibilizar dados de audiência individual, além da domiciliar.

²¹ O YouTube permite acompanhar o número de aparelhos conectados simultaneamente durante a transmissão ao vivo de um vídeo.

²² O canal do *Time Brasil* é o veículo oficial do Comitê Olímpico do Brasil.

O trabalho multiplataforma da *Globo* atingiu cerca de 140,4 milhões²³ de pessoas ao longo dos Jogos Olímpicos de Paris, conforme divulgado pela própria empresa, a partir de dados obtidos em métrica própria e pela *Kantar Ibope Media*, e reportado pelo *O Globo* (também parte da companhia). Além disso, a modalidade com maior alcance de audiência no total foi o futebol feminino, com 71,7 milhões de pessoas. Mostrando a força de outras modalidades, a ginástica artística feminina - responsável por quatro medalhas para o Brasil nos Jogos - aparece no ranking logo em seguida, com 69,8 milhões. Fechando o top-3, o vôlei de praia feminino, no qual Ana Patrícia e Duda conquistaram a medalha de ouro, atingiu 64,8 milhões. No caso das modalidades colocadas na segunda e terceira posição do ranking, o principal motivo para a popularidade na edição dos Jogos foi a expectativa (e futura confirmação) das medalhas conquistadas para o Time Brasil.

Já no caso da *CazéTV*, o próprio canal divulgou um balanço - reportado por diversos veículos e portais de comunicação, como a *Exame*, *Meio e Mensagem*, *MKT Esportivo*, entre outros - que mostra que o alcance chegou a mais de 40 milhões de espectadores, em dispositivos únicos, durante todo o evento. Após já ter quebrado o recorde de transmissão com maior audiência da história do YouTube, desta vez foi a vez de realizar a maior *live* da história dos Jogos Olímpicos: por volta de 4 milhões de aparelhos estavam conectados no canal no dia 30 de julho de 2024, durante as finais por equipes da ginástica artística, na qual o Brasil conquistou a medalha de bronze com Flávia Saraiva, Jade Barbosa, Júlia Soares, Lorrane Oliveira e Rebeca Andrade.

Por outro lado, mesmo pesquisando, não foi possível encontrar dados de audiência dos Jogos Olímpicos pelo *Time Brasil* em seu YouTube. Entretanto, o próprio Comitê Olímpico do Brasil (COB) divulgou, em seu website, que o perfil foi o que mais cresceu dentre os dos países que participaram do evento. Segundo levantamento (que considerou as plataformas Instagram, Facebook, TikTok, X e YouTube) divulgado pela Associação dos Comitês Olímpicos Nacionais, o *Time Brasil* conquistou 2,5 milhões de novos perfis - um aumento de 42%. Só no

²³ Dado divulgado pela *Globo*, a partir de uma reunião de números obtidos por métrica própria e pela *Kantar Ibope Media*, e reportado pelo jornal *O Globo*, em texto publicado no dia 13 de agosto de 2024, na coluna *Play*, por Anna Luiza Santiago.

Instagram, foi registrado um alcance de 76 milhões de usuários e crescimento de 178% no número de seguidores, equivalente a mais de 3 milhões de pessoas²⁴.

Em termos financeiros, a *SportsValue*²⁵ desenvolveu um estudo que indica que os Jogos Olímpicos possuem a terceira maior receita do mundo dentre as grandes competições esportivas, com US\$ 10,8 bilhões²⁶ mesmo acontecendo de quatro em quatro anos. A pesquisa, que analisou dados entre 2016 e 2023, mostra que o valor dos direitos de transmissão dos ciclos dos Jogos Olímpicos de Verão de Tóquio, no Japão, em 2020 (realizada em 2021 devido à pandemia de Covid-19) e de Inverno de PyeongChang, na Coreia do Sul, em 2018 movimentou US\$ 4,5 bilhões, enquanto os patrocínios ultrapassaram os US\$ 6 bilhões.

Além disso, no estudo, foi comparada a receita do ciclo entre 2017 e 2020 com algumas edições anteriores. A mais antiga é a de 1993 a 1996, que engloba os Jogos de Inverno de 1994, em Lillehammer (Noruega), e os de Verão de 1996, em Atlanta (EUA). Na ocasião, os números eram de US\$ 2,6 bilhões, valor mais de quatro vezes inferior ao do último ciclo analisado pela pesquisa.

As competições esportivas com receita maior que os Jogos Olímpicos, de acordo com a *SportsValue*, são a NFL, com US\$ 19,2 bilhões, e a *Major League Baseball* (MLB), liga americana de beisebol, com US\$ 11,6 bilhões. A Copa do Mundo de futebol masculino da Fifa (também realizada de quatro em quatro anos), apesar de ser a campeã de audiência na televisão, é apenas a sétima colocada no estudo, com US\$ 6,2 bilhões na edição de 2022, no Catar.

Outro ponto de destaque é o custo de organização dos Jogos Olímpicos. De acordo com uma pesquisa da Universidade de Oxford, a edição com maior valor foi a do Rio de Janeiro, em 2016: cerca de US\$ 23,6 milhões. A seguinte, de Tóquio 2020, custou US\$ 13,7 milhões. Por fim, a estimativa para Paris 2024 era de US\$ 8,7 bilhões (Budzier; Flyvbjerg, 2024). Entretanto, o Tribunal de Contas da França deve publicar, ainda em 2025, um relatório com os valores da última edição dos Jogos.

3.2. O Jornalismo nos Grandes Eventos Esportivos

²⁴ Os dados foram divulgados no website do Comitê Olímpico do Brasil no dia 7 de outubro de 2024.

²⁵ A *SportsValue* é uma empresa especializada em marketing esportivo e suas ramificações.

²⁶ Todos os dados do estudo da *SportsValue* foram publicados no próprio website da empresa, em 7 de julho de 2024.

Para que os grandes eventos esportivos consigam alcançar cada vez mais pessoas em todo o mundo, as organizações contam com a atuação dos veículos de comunicação e, sobretudo, do Jornalismo. Isso porque eles não se resumem apenas à transmissão para que quem não esteja *in loco* tenha a possibilidade de acompanhar o evento. Para que um assunto se torne cada vez de maior conhecimento público, os jornalistas produzem diversas pautas sobre ele, em diferentes plataformas, e por um longo período de tempo.

Em geral, de acordo com Pessoa e Tarsitano (2013), eventos possuem “caráter eminentemente aproximativo, dialógico e midiático”.

Aproximativo, pela interação que promove entre as pessoas, já que são capazes de unir grupos dos mais distintos em torno de um tema comum. Dialógico, pois incentivam a conversação, criando emoções e sentimentos comuns de pertencimento e, por fim, midiáticos, já que os eventos são tidos como fatos geradores de notícias, que repercutem informações em relação à instituição que os organiza e a cidade que os abriga. Os eventos são gerados, portanto, com o fim precípua da comunicação. Buscam a formação de opinião pública e a repercussão, sendo um fato que desperta a atenção do público. (Pessoa; Tarsitano, 2013).

Como apresentado anteriormente, a confusão gerada no Jornalismo Esportivo entre informação e entretenimento também se relaciona com a cobertura midiática de grandes eventos esportivos. Essa conexão tem fundamento no conceito de “Sociedade do Espetáculo”, elaborado por Debord (1997). O livro homônimo analisa as influências do capitalismo e dos meios de comunicação de massa em diversos setores da sociedade.

Dentre os diversos fatores envolvidos, para o contexto dos eventos esportivos, destacam-se as imagens. A espetacularização do esporte - e consequente associação ao entretenimento - na sociedade atual está fortemente ligada ao “show de imagens” dos eventos, como destaca Gurgel (2009).

Jogos, jogadores, jogadas, façanhas e narrativas, arenas, torcedores, produtos, dirigentes, políticos, produtos e celebridades do (e no) esporte são alguns dos itens fundamentais dessa grande fonte geradora de imagens e imaginários que constroem um sistema de práticas e de sentido inseridos no ambiente capitalista do trabalho e da geração de interesses específicamente, das imagens geradas

pelas dinâmicas ligadas ao espetáculo midiatisado relacionado aos esportes. (Gurgel, 2009, p. 203).

Além disso, é importante notar que os megaeventos esportivos, utilizando como exemplo os Jogos Olímpicos e as Copas do Mundo de Futebol, adquirem um papel estratégico nesse contexto. O motivo para isso é o fato de eles representarem “o ápice desse processo de construção de imagens esportivas espetaculares, que são midiatisadas de forma massiva. E são um grande desafio para o jornalismo esportivo”. (GURGEL, 2009).

Neste ponto, Bourdieu (1997), trazendo a discussão para a temática principal do objeto de estudo do presente trabalho - os Jogos Olímpicos -, também coloca a pauta da espetacularização no mundo do esporte. A partir da perspectiva dele, os grandes eventos esportivos são produzidos, de certa maneira, duas vezes:

Uma primeira vez por todo um conjunto de agentes, atletas, treinadores, médicos, organizadores, juízes, cronometristas, encenadores de todo o ceremonial, que concorrem para o bom transcurso da competição esportiva no estádio; uma segunda vez por todos aqueles que produzem a reprodução em imagens e em discursos desse espetáculo, no mais das vezes sob a pressão da concorrência e de todo o sistema das pressões exercidas sobre eles pela rede de relações objetivas na qual estão inseridos. (Bourdieu, 1997, p. 127).

Deste trecho de seu livro, é possível distinguir que a primeira parte se refere aos personagens diretos do evento. Não só aqueles que protagonizam cada modalidade (atletas), mas aqueles que participam secundariamente (comissões técnicas, arbitragem, equipe médica, entre outros). Já a segunda parte diz respeito à mídia, considerando jornalistas, fotógrafos, comentaristas e outros possíveis agentes.

Trazendo para o contexto brasileiro, Pessutti e Maluly (2024) direcionam a expressão “complexo de vira-latas²⁷”, criada por Nelson Rodrigues, para o mundo do esporte - e os grandes eventos que o envolvem - e a relacionam à influência da mídia sobre a sociedade local:

²⁷ “Complexo de vira-latas”, conforme entende Rodrigues (1993), é “a inferioridade em que o brasileiro se coloca, voluntariamente, em face do resto do mundo. Isto em todos os setores e, sobretudo, no futebol”.

Sendo o esporte parte inerente da cultura popular, sua cobertura nos veículos jornalísticos dá substancialidade e força à percepção que os cidadãos têm da própria personalidade, às experiências vivenciadas e até aos significados e às narrativas atribuídos a partidas e competições. (Pessutti; Maluly, 2024, p. 1).

Para os autores, dentro do contexto da evolução tecnológica, transformações radicais foram promovidas na produção da imprensa esportiva durante a cobertura de eventos desse cunho. Como consequência, o consumo por parte do público também passou por mudanças:

Mais recentemente, o advento da internet e a consolidação das mídias digitais deram espaço a novas práticas, definidas principalmente pela volatilidade, pela segmentação em nichos de audiência e pela cobertura mais subjetiva por parte de páginas pessoais. (Pessutti; Maluly, 2024, p. 1).

De qualquer forma, enfatizam que essas mudanças não são fechadas e nem lineares. Assim, “as diferentes mídias e formas de transmissão esportiva entrelaçam-se organicamente, oferecendo uma miríade de possibilidades ao público”. Com isso, os eventos esportivos podem ter sua absorção alterada e até mesmo personalizada pelas narrativas transmidiáticas. O motivo para tal seria uma atenuação cada vez maior nas fronteiras entre o jornalismo profissional e o entretenimento (Pessutti; Maluly, 2024).

Seguindo na relação com as transformações sofridas ao longo do tempo, Hall (2006) relaciona a mudança na importância relativa dos megaeventos à globalização dos meios de comunicação. Somado a isso, inclui a compressão do espaço-tempo²⁸ associada ao desenvolvimento tecnológico nos transportes e na comunicação, “os quais proporcionaram um aumento no impacto comercial dos eventos esportivos”.

Além disso, o autor acrescenta:

A presença de espectadores nos esportes por meio da mídia levou a um aumento no interesse corporativo em patrocinar eventos e competições esportivas, muitas vezes de forma exclusiva, para ‘colocar’ produtos por meio de publicidade tanto nos estádios como na televisão e outros meios de comunicação. (Hall, 2006, p. 61).

²⁸ Conceito elaborado pelo geógrafo britânico David Harvey, no qual a globalização, simultaneamente, encurta as distâncias e acelera os acontecimentos no geral. Com isso, há uma compressão tanto no espaço como no tempo.

Da mesma forma, retomando a temática principal do trabalho, o próprio Pierre de Coubertin destacou a importância da imprensa para os Jogos Olímpicos. De acordo com Emilio Fernández Peña (2014), em seu curso “Os Jogos Olímpicos e a mídia”, oferecido pela *Universitat Autònoma de Barcelona*, na plataforma *Coursera*, o barão que idealizou o evento considerava que a mídia teve um papel fundamental para seu restabelecimento. O momento aconteceu durante um congresso internacional na *Sorbonne Université*, na França, em 1894 - dois anos antes da primeira edição dos Jogos.

Como já citado no capítulo anterior do presente trabalho, a transmissão dos Jogos Olímpicos para o Brasil iniciou com a rádio em 1936, na edição de Berlim; na televisão, a chegada aconteceu em 1972, quando o evento foi sediado em Munique. Em ambos os casos, o trabalho de cobertura jornalística ainda era muito superficial, se comparado aos dias atuais. Isso porque, à época, a dificuldade para realizar as transmissões passava, sobretudo, pelas partes técnica e tecnológica, além de equipes reduzidas.

Conforme um documento com informações elaborado pelo próprio Comitê Olímpico Internacional (COI), com autoria de Miranda Larrosa (2016), os Jogos Olímpicos e a mídia se inspiram e se estimulam desde o seu renascimento, em 1896. As primeiras edições eram exibidas em cinemas, em cinejornais, com um tempo cada vez menor de espera entre o acontecimento e sua divulgação, que foi o principal progresso nesse sentido: desde meses até poucos dias para que a população conseguisse acompanhar as imagens. Desde os primeiros Jogos, a mídia impressa já atuava na cobertura de forma internacional, com notícias sobre o andamento do evento, divulgação de resultados e, a partir de certo ponto, com a introdução de fotografias nas páginas.

Enquanto isso, a cobertura ao vivo por meio do rádio teve início na edição de 1924, em Paris. O documento destaca que os organizadores chegaram a temer que o veículo tivesse um impacto negativo na venda de ingressos. Entretanto, a hipótese rapidamente se provou sem fundamentos: com o desenvolvimento do rádio, os Jogos de Berlim, em 1936, tiveram 2,5 mil transmissões em 28 línguas diferentes. Já em 1948, Larrosa (2016) levanta que a cobertura dos Jogos Olímpicos pelo veículo abrangia o mundo todo.

De certa forma, Almeida, Araújo e Rubio (2023) abordam um tópico relacionado à transmissão dos Jogos que se conecta com o projeto de cobertura do

presente trabalho. Segundo a pesquisa dos autores, na edição de 1932, em Los Angeles, o trabalho de radioamadores foi fundamental para a propagação de informações sobre a competição. O relatório oficial²⁹ do evento, publicado em 1933 pelo *Xth Olympiade Committee of the Games of Los Angeles*, revelou que 1,5 mil pessoas trabalharam voluntariamente com a divulgação de informações fornecidas por membros do comitê organizador.

Para possibilitar a transmissão dos Jogos de 1936 no Brasil, os mesmos pesquisadores retratam o início das transmissões da rádio alemã *DJA*, quatro anos antes, como um marco importante na cobertura do evento para o país. O motivo seria o alto número de imigrantes alemães vivendo no Brasil na época. Ferrareto (2010) explica:

No contexto do conflito armado que envolve o planeta, são os alemães e os italianos que usam primeiro a radiodifusão sonora como arma propagandística. Em 1932, começa a operar em ondas curtas a estação *DJA* da Transmissora Nacional Alemã, instalada em Berlim, com irradiações em português, espanhol e alemão. Três anos depois, em 1935, iniciam as emissões do Ente Italiano Audições Radiofônicas, divulgando, direto de Roma, as atividades fascistas. Dados do arquivo federal da Alemanha confirmam que o Terceiro Reich manteve uma rede de radiodifusão com 15 emissoras em operação no Brasil, entre elas a Ipanema, do Rio de Janeiro, totalmente controlada por agentes do Eixo. (Ferrareto, 2010).

Outro fato marcante relacionado à cobertura jornalística radiofônica dos Jogos Olímpicos aconteceu na edição de 1948, em Londres, após o hiato no evento provocado pela Segunda Guerra Mundial. A semifinal do basquete masculino, entre Brasil e França, foi transmitida ao vivo. Pela voz de Pilar Drummond, a *Rádio Nacional* fez a transmissão da partida - compartilhada com outras estações do meio de comunicação -, inclusive com um evento na Praça Mauá, situada no Centro do Rio de Janeiro. A notícia foi publicada no jornal *A Manhã*, por meio de uma nota, no dia 7 de julho de 1948. Almeida, Araújo e Rubio (2023) analisaram um trecho do momento, presente no acervo da *Empresa Brasileira de Comunicação*. De acordo com os autores, é possível perceber, no áudio, sons ambientais e a entrada de mensagens publicitárias.

²⁹ O relatório oficial dos Jogos Olímpicos de 1932 pode ser acessado no site <https://digital.la84.org/digital/collection/p17103coll8/id/8040/>.

Outro ponto que chama atenção é o áudio ambiente e o fato de o narrador estar, durante toda a transmissão, sozinho. O estilo adotado por Pilar Drummond na narração é sóbrio, descrevendo lances da partida, mas também analítico, com algumas opiniões sobre o que ocorria em quadra. (Almeida; Araújo; Rubio, 2023, p. 91-92).

Em 1936, quando o Brasil ainda conquistava a possibilidade de acompanhar as transmissões olímpicas pelo rádio, a cobertura da competição chegava à televisão pela primeira vez. Segundo Larrosa (2016), com a instalação de três câmeras - volumosas, pesadas e que só podiam filmar em boas condições climáticas no local do evento. As primeiras transmissões ainda eram consideradas a cobertura de um evento público e demandavam equipamentos com pouca mobilidade e, também por isso, uma distância curta do estádio. Na ocasião, 162 mil pessoas, ao todo, assistiram à competição na TV dentro do raio de transmissão.

A partir do hiato entre as edições dos Jogos provocado pela ocorrência da Segunda Guerra Mundial, emissoras de televisão se desenvolveram em outros países. Em 1948, quando o evento foi retomado, um número maior de pessoas já tinham a possibilidade de acompanhar as transmissões de casa, a uma distância de mais de 200 quilômetros de onde acontecia a competição, com estimativa de audiência de 500 mil espectadores também dentro do raio de transmissão. Com o passar do tempo e o desenvolvimento das tecnologias, novos avanços foram acontecendo: em 1960, em Roma, a primeira transmissão internacional ao vivo; em 1964, em Tóquio, difusão do evento via satélite para Estados Unidos e Japão; para um período maior, os Jogos de 1984, em Los Angeles, foram televisionados para 156 países (Larrosa, 2016).

Um dos impactos positivos apontados pela autora para a cobertura mais completa e com maior qualidade do evento diz respeito à qualidade da imagem transmitida - de 180 linhas em 1936 a 819 na década de 1940, evoluindo para a fibra óptica e, posteriormente, para o *High Definition* (HD) e o 3D. Nos Jogos de 2024, a maior qualidade de resolução foi o 8K. Ela também destaca a inclusão das cores, a partir dos Jogos de 1964 nas TVs japonesas e da edição de inverno em 1972 (em Sapporo) para o mundo.

Ao chegar nas televisões brasileiras, em 1972, a cobertura olímpica ainda era reduzida. Sousa (2005), em sua pesquisa para dissertação de mestrado, enfatiza que a *Rede Globo* contava com uma equipe de apenas seis profissionais na ocasião. Além disso, reforça que, até aquela época, se fazia televisão com

equipamentos de cinema. “A chegada do *videotape* emprestou mais agilidade e mais possibilidades à cobertura esportiva no meio audiovisual”, completa.

Para Brito (2022), as transmissões televisivas foram protagonistas na ruptura da forma de construção das narrativas em torno dos Jogos Olímpicos. A questão aborda como o desenvolvimento das transmissões trouxe uma projeção dos jogos como uma ferramenta comercial. Ainda segundo ele, o surgimento da internet e das redes sociais “também foi um ponto de virada no processo de construção das narrativas olímpicas, amplificando a participação do público na construção dos conteúdos e narrativas”.

Os Jogos adquirem assim uma nova perspectiva quando analisados pelo ângulo da inserção da mídia e dos consequentes avanços tecnológicos, de certa forma é impossível, atualmente, entender o fenômeno global em que os Jogos se transformaram sem o auxílio da mídia. (Brito, 2022, p. 41-42).

Além dos meios de comunicação tradicionais, é impossível não abordar a importância da internet para a expansão do alcance dos Jogos em todo o mundo. Retomando o documento elaborado por Larrosa (2016), foi publicado que o Comitê Olímpico Internacional (COI) criou seu primeiro website em 1996. No mesmo ano, em que foram realizados os Jogos Olímpicos de Atlanta, o portal atingiu 185 milhões de acessos durante o período do evento. Oito anos depois, a edição de Atenas, em 2004, foi a primeira transmitida na internet.

Nos dias atuais, as diversas possibilidades do meio digital facilitam o acesso à informação, por fontes oficiais ou não. A diversidade de conteúdos - em texto, foto, vídeo e outros formatos - promove uma cobertura muito mais completa para grandes eventos (inclusive os esportivos). “Hoje, graças aos laptops, tablets, smartphones e outros equipamentos com navegadores integrados, os Jogos Olímpicos são “acessíveis” a qualquer momento e em qualquer lugar” (Larrosa, 2016).

O site oficial das Olimpíadas divulgou que os Jogos de 2024 atingiram aproximadamente 412 bilhões de engajamentos nas plataformas digitais, dentro de 270 milhões de postagens. Os números representam um crescimento de 290% se comparados aos da edição anterior, em 2020³⁰. Além disso, a organização estima que 5 bilhões de pessoas acompanharam os Jogos de Paris.

³⁰ Os dados foram divulgados em matéria publicada no dia 5 de dezembro de 2024, no site oficial das Olimpíadas.

4. DIÁRIO DE COBERTURA DOS JOGOS OLÍMPICOS DE 2024

Nesse cenário, a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024 realizada pela Rádio *Facom 59* e pelo *Nos Acréscimos*, no ambiente acadêmico, teve como objetivo preparar a equipe para que as informações fossem repassadas para a audiência da melhor forma possível e com credibilidade. A ideia foi manter o nível de qualidade em diferentes plataformas digitais, se adequando ao tipo de conteúdo demandado - texto, áudio ou audiovisual.

No capítulo, será abordado todo o processo de cobertura realizado na Faculdade de Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora. Cada etapa, desde a preparação e o planejamento até o relatório final, será esclarecida detalhadamente. Além disso, serão destacados os autores e os conceitos utilizados como referencial bibliográfico para nortear o trabalho desenvolvido durante os meses de cobertura.

Depois de relatar todas as experiências vivenciadas durante o período, também é importante refletir sobre o que funcionou conforme o esperado, as alterações de última hora que potencializam o projeto e quais pontos podem ser melhorados. Neste último caso, principalmente com o intuito de levar os aprendizados para as próximas oportunidades de cobertura de grandes eventos dentro do meio universitário e acadêmico.

4.1. Planejamento pré-cobertura

Batista (2008) ressalta a importância do planejamento de coberturas jornalísticas de grandes eventos, independentemente da editoria ao qual faz parte. Para a autora, essa etapa consiste em um processo de organização, que envolve recursos (técnicos e materiais) e critérios (em geral, de noticiabilidade) que guiam o trabalho.

Pressupõe, portanto, uma interação entre a base tecnológica e os recursos financeiros disponíveis à organização jornalística, a linha editorial do veículo – que, por sua vez, orienta desde o enquadramento até a hierarquia de informações e de fontes –, o conhecimento e preparação dos profissionais a participarem direta e indiretamente na cobertura, e os demais atores sociais envolvidos no acontecimento. (Batista, 2008, p. 643).

A cobertura dos Jogos Olímpicos na Faculdade de Comunicação da UFJF começou com meses de antecedência: em dezembro de 2023, as primeiras ideias já começaram a ser esboçadas. Mesmo com o fato de a cerimônia de abertura da edição de 2024 estar marcada para o dia 26 de julho - com alguns eventos já nos dois dias anteriores -, foi feita uma mobilização para a cobertura iniciar no dia 16 de abril, data simbólica, que marcou o início do revezamento da tocha olímpica dos Jogos de Paris.

Antes mesmo de o trabalho ser divulgado para a formação da equipe, as ideias iniciais já haviam sido pensadas. Como o *Nos Acréscimos* abrange um número maior de plataformas em comparação à *Rádio Facom*, a produção de conteúdos para as mídias digitais foi pensada para abastecer, sobretudo, as redes sociais do primeiro projeto. O segundo, além de ter o Instagram como meio de divulgação de sua produção, ficou responsável pelo trabalho nas mídias sonoras - inclusive, por onde foram realizadas as transmissões ao vivo dos Jogos Olímpicos de 2024.

Primeiramente, houve a preocupação com o referencial teórico utilizado como um princípio fundamental a ser seguido durante toda a cobertura. Em especial, o entendimento de crossmídia e transmídia. Por possuírem uma distinção, vale reforçá-la: ambas abordam a produção e divulgação de conteúdo para diferentes mídias, respeitando suas diferentes linguagens e outras demandas; mas enquanto a primeira diz respeito a uma mesma narrativa, a segunda aborda diferentes narrativas, uma para cada plataforma.

Por um lado, o conceito de transmídia foi elaborado por Henry Jenkins. Segundo o autor:

Uma história transmídia desenrola-se através de múltiplas plataformas de mídia, com cada novo texto contribuindo de maneira distinta e valiosa para o todo. Na forma ideal de narrativa transmídia, cada meio faz o que faz de melhor – a fim de que uma história possa ser introduzida num filme, ser expandida pela televisão, romances e quadrinhos; seu universo possa ser explorado em games ou experimentado como atração de um parque de diversões. (Jenkins, 2006).

Por outro, Finger (2012) conceitua que o crossmídia utiliza um processo de difusão de conteúdo em diversos meios.

O material não necessariamente deve ser idêntico, muitas vezes, o que é divulgado em uma mídia completa o que está presente em outra. Assim, pode existir uma diferenciação no texto, com acréscimo de imagens e arquivos em áudio. O objetivo é criar uma interação do público com o conteúdo. Se levarmos a palavra crossmedia ao seu significado reduzido seria a mídia cruzada. Mas, é preciso considerar também as especificidades de cada meio na adaptação do conteúdo, sem perder a sua essência. Talvez o mais importante não seja só a adaptação para os diferentes meios, e sim a forma como estão interligados, como se cruzam. Uma história pode ser interpretada de forma independente em diferentes mídias, de modo a reforçar a compreensão por parte do receptor. (Finger, 2012, p. 124).

No caso do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos na Faculdade de Comunicação da UFJF, a ideia funcionou desta forma. A partir da avaliação prévia dos coordenadores da cobertura, era determinado se o conteúdo produzido sobre determinada pauta iria ser publicado com a mesma narrativa nas diferentes redes sociais - adaptada para cada plataforma - ou se o ideal seria divulgá-lo de forma que as diferentes mídias se complementassem, com narrativas diferentes para a mesma pauta. Assim, foi possível explorar as duas estratégias para se comunicar com o público.

Outro conceito teórico utilizado para a realização da cobertura foi o de rádio expandido. Para Kischinhevsky (2021), o conceito “opera muito mais como um pano de fundo para os estudos radiofônicos, um contexto no qual a radiofonia hoje está inserida, como parte de um ecossistema midiático a cada dia mais complexo”.

No campo da escuta, podemos assinalar que esse rádio expandido é hoje consumido (ou fruído ou, ainda, apropriado pela audiência, conforme a chave teórica) em FM, ondas médias (AM), curtas e tropicais, através de receptores analógicos a pilha, automotivos, digitais de serviços via satélite, telefones celulares, tocadores multimídia, computadores, notebooks, tablets, smart speakers. Pode ser escutado ao vivo (no dial, no rádio digital via satélite ou via streaming, em serviços de áudio ou vídeo) ou sob demanda (podcasting ou através da busca em arquivos ou diretórios), coletiva ou individualmente, em alto-falantes ou fones de ouvido. Cada modo instaura regimes próprios de escuta, condicionando a recepção e a apropriação dos conteúdos veiculados. (Kischinhevsky, 2021, p. 3-4).

O autor ainda acrescenta que os elementos parassonoros, que envolvem toda a parte de interação, são tão importantes quanto os sonoros acionados no processo

de comunicação radiofônica. Segundo Kischinhevsky, eles incluem “desde o simples girar de um dial analógico até botões de um player de serviço de streaming ou website de emissora (...”).

Nesse contexto, foi possível inserir tanto os conteúdos produzidos para as mídias sonoras, como os podcasts, quanto a própria transmissão ao vivo pela plataforma da *Rádio Facom*. No primeiro caso, são ouvidos quando o público quiser - já que foram publicados em plataformas que permitiram sua reprodução a qualquer momento - e em diferentes dispositivos. Já no segundo, apesar de permitir a audiência apenas ao vivo, pôde ser consumido pelo smartphone, pelo computador, pela televisão e outros aparelhos eletrônicos.

Assim, definidos os conceitos teóricos utilizados para nortear a cobertura, chega o momento de pensar no público-alvo. Como o trabalho abrange diversas plataformas e redes sociais, em diferentes formatos para consumo do conteúdo produzido, a ideia foi trabalhar para atingir todas as pessoas sem distinção de qualquer camada. Ou seja, a abordagem das pautas teve o objetivo de alcançar e se fazer entender por todas as pessoas que acompanhavam as plataformas dos projetos - desde o mais leigo no tema até quem o conhecesse profundamente. Para tal, foi necessário utilizar uma linguagem que envolvesse a audiência dos conteúdos publicados.

A primeira certeza em relação ao uso das plataformas foi relacionada às mídias sonoras. Afinal, por ser o principal veículo que proporciona coberturas ao vivo na Faculdade de Comunicação da UFJF, a *Rádio Facom* foi a responsável pela transmissão dos Jogos Olímpicos de 2024.

Para além do evento em si, o formato permitiu a elaboração de um podcast, denominado “*Bonjour, Facom!*”. Inicialmente, o intuito do programa foi produzir um episódio para cada uma das 48 modalidades dos Jogos. Em até 30 minutos, abordar sua história, as regras, a relação com os Jogos Olímpicos, curiosidades e outros tópicos: tudo com a presença de um personagem envolvido com o esporte em questão. Assim, o objetivo foi esclarecer cada uma das modalidades sobre a perspectiva de uma pessoa que tem relação com ela - atleta, treinador ou especialista, por meio de entrevistas feitas por dois integrantes do projeto.

Também nas mídias sonoras foi idealizado um programa, semanal e ao vivo a ser veiculado na *Rádio Facom*, com notícias e reportagens sobre o evento. Neste caso, o intuito foi utilizar tanto pautas quentes como frias, a partir da necessidade de

preencher o tempo destinado na programação - 30 a 60 minutos. Dentre as informações inicialmente planejadas para serem transmitidas, vale destacar a trajetória da tocha olímpica e a história da cidade pela qual estava passando no momento.

Por fim, para a cobertura durante a realização dos Jogos, foi fundamental definir quais modalidades podiam ser transmitidas ao vivo pelas mídias sonoras. Afinal, algumas delas contam com características que tornam a parte visual imprescindível para a compreensão do público, como a ginástica (pelos movimentos exercidos pelas atletas) e o tênis de mesa (pela rapidez das jogadas).

Outro detalhe importante foi determinar quantos integrantes da equipe deveriam participar das transmissões, enquanto a *Rádio Facom* estivesse no ar. Assim, foi estabelecido que se dividiram nas seguintes funções: uma pessoa na narração, uma nos comentários, uma ou duas como repórteres, uma ou duas no plantão, uma ou duas nas redes sociais, uma na produção e uma na operação de áudio.

Apesar do maior interesse dos participantes por conteúdo audiovisual ou sonoro, também foi possível utilizar o blog para textos. Nesta plataforma a ideia foi trabalhar com reportagens com angulações diferentes das convencionais, já que as notícias mais factuais tendem a ser lidas em veículos de maior expressão. Assim, a equipe ainda teria a oportunidade de desenvolver o senso jornalístico para encontrar diferentes narrativas dentro de pautas semelhantes. Para isso, incentivar uma apuração mais profunda, busca por fontes dentro de Juiz de Fora (para, de certa forma, relacionar o conteúdo ao público-alvo, formado principalmente por moradores da cidade) e entrevistas com atletas.

Também foi pensada a redação de textos em formato de guia, com explicações sobre as diferentes modalidades e a respeito do evento em si, além de outras formas de informar. Nestes casos, com a possibilidade de aproveitar a apuração de outros conteúdos produzidos para outras plataformas, como por exemplo o podcast *Bonjour, Facom!*. Por fim, antes da publicação no blog, o texto deveria passar pela edição de um membro encarregado da função.

O Instagram foi escolhido como a principal ferramenta de veiculação dos conteúdos da cobertura dos Jogos Olímpicos. Não apenas por ser a rede social que permite uma maior variedade de formatos (imagens, vídeos, stories, entre outros), mas também por ser o de maior adesão por parte da equipe e pela *Rádio Facom*.

também possuir um perfil na rede - o que permitiu publicações colaborativas com o projeto *Nos Acréscimos*. Outro fator foi o número de seguidores de ambos os projetos: o alcance tendia a ser maior.



Imagen 1 - Transmissão de handebol feminino. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Para a parte de vídeos a ideia foi publicar conteúdos tanto mais curtos e objetivos como mais longos e desenvolvidos - a depender da pauta e de suas possíveis angulações. Postagens de imagens (seja com até dez mídias - formato carrossel - ou única) também foram incluídas no planejamento, com fotos ou artes elaboradas pela própria equipe. Os *stories* foram responsáveis por conteúdos de caráter interativo com o público: enquete, quiz, opinião, palpite e desafio também foram algumas das formas idealizadas. Para nortear e até mesmo organizar a rotina de produção, a criação de quadros para o Instagram foi fundamental. Isso estimulou a constância nas publicações e variedade para os perfis dos projetos.

Os quadros pensados foram: Minuto NA, um giro com as principais notícias da semana - tanto olímpicas como de outras competições; Sabia Dessa?, que contou histórias pouco conhecidas; Pense Esportes, que abordou pautas esportivas com teor político e ideológico, para promover reflexão; Ficha Técnica, com as principais informações de cada modalidade; e Aqui é Brasil, destacando o perfil de atletas brasileiros com chances de ganhar medalha (a título de curiosidade, sete dos nove apresentados subiram ao pódio). Também foram publicados outros conteúdos, como artigos e outras postagens informativas sobre os Jogos Olímpicos.

A divulgação também foi uma das principais funções do Instagram durante o período da cobertura. Por ser uma “plataforma oficial” para o projeto, foi o veículo

em que os conteúdos produzidos em outras plataformas eram divulgados, assim como a programação da transmissão ao vivo durante a realização dos Jogos Olímpicos e resultados positivos para o Brasil (em especial, medalhas).

Destinado basicamente a conteúdos audiovisuais, o TikTok teve o intuito de aproveitar a capacidade de engajamento da plataforma. Além de aproveitar alguns conteúdos do Instagram em formato de vídeo, gravar vídeos rápidos que pudessem viralizar - sem deixar de lado a função de informar. Para isso foi possível aproveitar as ferramentas oferecidas na rede: edição de vídeos pelo próprio aplicativo, filtros disponíveis, publicações de tendências e até jogos ou desafios criados por outros usuários.

Por possuir um perfil mais voltado para o entretenimento, a utilização do TikTok precisou ser pensada de forma que o teor jornalístico não ficasse em segundo plano. Da mesma forma, foi possível idealizar a postagem de cortes de outros conteúdos, publicados em outras plataformas, que funcionaram como chamadas, para gerar interesse em quem assiste e o direcionar para consumo em outra rede social.

A utilização do X também foi importante para expandir o alcance da cobertura. Uma função desta rede social foi divulgar tanto a programação do projeto como a dos próprios Jogos Olímpicos, focada na participação de atletas brasileiros. Ainda foi possível aproveitar suas características de duas outras formas: com publicações em “fio” (dividindo partes de uma postagem em várias) e também de caráter torcedor (expressando a torcida pelo Brasil nas diferentes modalidades). Assim, o conteúdo foi adaptado para a linguagem da rede.

Por fim, YouTube e Twitch foram pensados como possibilidades, de acordo com o empenho da equipe. A primeira plataforma pode funcionar para incluir a parte visual nos conteúdos sonoros: transmissões ao vivo e gravações de podcast com imagens do estúdio. Também houve a possibilidade de publicar vídeos de maior duração, o que faz sentido pelas características do YouTube. A ideia para a segunda plataforma era realizar transmissões ao vivo a partir do momento em que não houvesse mais nenhum evento no dia - no turno da noite e, assim, proporcionar a possibilidade de debates e outras dinâmicas.

Dentre as demandas para a produção de conteúdos, destacam-se a criação de *templates* (modelo de *design* que cria um padrão para as produções) e vinhetas de diversos tipos e formatos (sonoros e audiovisuais), a divisão de cargos na equipe

(atribuindo responsabilidades aos membros mais experientes) e, sobretudo, a capacitação para os integrantes se prepararem para os intensos meses de cobertura.

Definidos também o funcionamento de cada plataforma e suas respectivas demandas para a cobertura, foi necessário formular como proporcionar uma preparação para a equipe - composta por estudantes em diferentes fases no curso de Jornalismo, com muitos deles ainda no início. Assim, surgiu a ideia de promover oficinas para capacitação e, consequentemente, melhorar a qualidade do trabalho.

Os temas pensados foram: edição audiovisual; edição de imagens e *design*; roteiro, texto jornalístico e *briefing*; apresentação de vídeos; coberturas presenciais; roteiro e linguagem de rádio; transmissão esportiva; locução de rádio; operação de áudio; Jornalismo Esportivo e cobertura de eventos; estratégias de redes sociais; e processos internos nos projetos *Nos Acréscimos* e *Rádio Facom*. Para ministrar as oficinas, a ideia foi convidar ex-participantes dos projetos, além de ex-alunos e profissionais (professores e Técnicos Administrativos em Educação (TAEs) da Faculdade de Comunicação da UFJF e outros jornalistas.

Ainda ficou definida realização de reuniões de pauta frequentes, para alinhar ideias de conteúdo e a comunicação geral entre os integrantes da equipe. Para isso, foi criado um grupo no WhatsApp com todos, além de outro com aqueles que ficaram responsáveis por coordenar o projeto como um todo - tanto estudantes como os professores.

Mesmo com todos os pontos citados acima já inicialmente planejados, a grande quantidade de ideias e detalhamentos antes mesmo de divulgar o projeto teve o intuito de deixar a cobertura estruturada desde o seu começo. Apesar disso, já havia o conhecimento de poderiam surgir problemas e necessidades de mudanças, além de ideias melhores ou mais elaboradas, principalmente por parte da equipe. Por isso, foi importante ter a mente preparada para essas possíveis situações.

Toda essa etapa do planejamento foi finalizada em meados de Janeiro - seis meses do início dos Jogos Olímpicos de 2024. Para começar os trabalhos, ainda no dia 15 do mesmo mês, foi criado o grupo no WhatsApp com os primeiros integrantes do projeto. Eles foram inseridos no trabalho por terem demonstrado interesse em participar na primeira sondagem dos projetos da *Rádio Facom* e do *Nos Acréscimos*,

tanto para bolsistas como para voluntários. Além disso, outros participantes foram convidados para ingressar com um cargo de liderança.



Imagen 2 - Equipe de plantão. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vale destacar que a união entre os projetos para fechar a equipe aconteceu pelo momento que os dois projetos viviam à época. Enquanto o primeiro entrava no momento de se estabelecer enquanto um veículo com prioridade para a cobertura esportiva, o segundo se encaminhava para, após quase quatro anos de história (como um trabalho desenvolvido por estudantes da Faculdade de Comunicação, mas sem qualquer vínculo acadêmico), se tornar projeto de extensão na UFJF.

O processo seletivo para fechar a equipe foi realizado no início de abril. No dia 4, foram adicionados os nomes ao grupo para atingir o número de participantes definido: 40. Até o início dos Jogos, algumas mudanças foram feitas, como a saída de algumas pessoas por questões pessoais ou profissionais. De qualquer forma, nestas situações, outros estudantes (da lista de espera do processo seletivo) chegavam para substituir. Assim, foi finalizada a fase de planejamento.

4.2. Início da cobertura

Em sua monografia da graduação, Dias (2014) estuda como as modalidades olímpicas “só recebem atenção dos meios de comunicação, em especial televisão e jornal impresso, quando alcançam resultados expressivos”. A comparação com o futebol, modalidade mais popular no Brasil, mostra como o espaço dedicado para cada uma é distinto. Como a diferença no conhecimento sobre elas também é discrepante, a autora destaca:

Neste momento único, a mídia terá um papel fundamental como fornecedora de informação. Para torcer, o público precisará ter noções mínimas das regras de cada esporte. Logo, será por meio dos diversos meios de comunicação que o torcedor aprenderá sobre esportes pouco divulgados ou pouco praticados no Brasil. (Dias, 2014, p. 44).

Da mesma forma, vale ressaltar que a relação entre a mídia e os atletas olímpicos que conquistam uma medalha não é uma via de mão única. Segundo Dias (2014):

Ao mesmo tempo em que os atletas dependem dos jornalistas para ganhar (e manter) reconhecimento, a imprensa também precisa de figuras carismáticas para cativar sua audiência. Uma transmissão ao vivo ou uma cobertura escrita sobre os Jogos Olímpicos, por exemplo, ficaria pobre sem o lado humano dos atletas. (Dias, 2014, p. 24).

Apesar de ter sido formulada antes do surgimento da internet, a Teoria do Agendamento (ou *Agenda-setting*) ajuda a explicar o papel do Jornalismo no momento de expandir o alcance de determinadas pautas. A pesquisa de Maxwell McCombs e Donald Shaw (1972), que aborda o poder dos meios de comunicação para gerar uma influência no debate público, chegou à conclusão de que a mídia tem a capacidade de pautar a agenda pública e, consequentemente, influenciar a opinião da sociedade.

Felipe Pena (2005) acrescenta que:

A teoria do agendamento defende a ideia de que os consumidores de notícias tendem a considerar mais importantes os assuntos que são veiculados na imprensa, sugerindo que os meios de comunicação agendam nossas conversas. (Pena, 2005).

No caso dos Jogos Olímpicos, por exemplo, a maioria das modalidades não possui grande interesse por parte do público. Nesse contexto, o SporTV, por exemplo, produz conteúdos com pautas voltadas para o evento de forma contínua, mesmo após o fim de uma edição dos Jogos. Na edição de 2024, foi criado o programa *Ça Va Paris*. Nele, foram abordadas as modalidades olímpicas - muitas delas constantemente esquecidas, em comparação ao futebol. Além dos Jogos Olímpicos de Verão, também entraram na grade de assuntos os Jogos Paralímpicos e os Jogos Olímpicos de Inverno.

O *Ça Va Paris* começou em novembro de 2021: logo após o encerramento da edição anterior, que aconteceu no Japão, e quase três anos antes dos Jogos de Paris. Foi o sucessor do *Ohayo Tóquio* e o antecessor do *Hello LA* - destinado à edição de 2028, que será realizada em Los Angeles, nos EUA. Com a presença desses programas, o canal por assinatura da *Rede Globo* consegue incluir na rotina da audiência um assunto pouco abordado, no geral. Em suma, pauta a agenda pública e gera uma influência não só na opinião das pessoas, mas no que elas consomem.

Ao colocar em prática a ideia de dedicar um tempo maior em sua grade para as modalidades olímpicas (com um programa exclusivo para eles), a emissora cede maior visibilidade, por meio da cobertura midiática, a uma parte da área do esporte menos conhecida no Brasil. Esse foi um dos princípios indispensáveis que guiaram o trabalho da *Rádio Facom 59* e do *Nos Acréscimos* na cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024.

Outro ponto positivo de produzir conteúdos com antecedência sobre o tema é poder aproveitá-los no momento do evento. Matérias elaboradas anteriormente podem, por exemplo, ser utilizadas durante a programação ao vivo para preencher a grade. Além disso, o responsável pela produção de um conteúdo adquire o conhecimento a respeito dele durante o desenvolvimento da pauta, já que precisa estudar profundamente sobre o tema para realizar uma abordagem sobre ele.

Com a data de início da cobertura já em mente, a equipe montada e o planejamento consolidado, foi fundamental criar uma planilha com todas as informações definidas para o trabalho. Para o momento, a principal decisão foi estruturar um calendário editorial, para publicações nas diferentes plataformas. Assim, os integrantes teriam conhecimento prévio das demandas e dos prazos para entregar os conteúdos, além de suas funções.



Imagen 3 - Equipe no treinamento. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Exatamente uma semana antes do início da cobertura, programada para o dia 16 de abril de 2024, surge o que seria o principal desafio da realização do trabalho: os docentes da UFJF aprovaram a greve³¹ da categoria, em assembleia da Associação dos Professores de Ensino Superior de Juiz de Fora (Apes). A paralisação foi marcada para iniciar na véspera do começo da cobertura, em 15 de abril.

Além das incertezas de como proceder na situação, visto que não havia uma data definida para o encerramento da greve, a estrutura da cobertura precisou ser profundamente alterada. O planejamento inicial levou em consideração o fato de os estudantes já estarem em férias da faculdade durante o período dos Jogos. Assim, a tendência era de maior tranquilidade ao longo desse tempo. Entretanto, a equipe não contava que o retorno só aconteceria três meses depois do início do movimento: a volta às aulas oficial aconteceu no dia 15 de julho, dez dias antes da primeira transmissão.

Como uma parte da equipe é natural de outras cidades e vive em Juiz de Fora apenas para estudar, um número considerável de integrantes voltou à sua cidade natal durante o período, o que também dificultou o andamento do projeto. Mesmo assim, as produções começaram antes da deflagração da greve, o que possibilitou o início da cobertura na data prevista. Mais uma limitação foi a redução no horário de funcionamento da Faculdade de Comunicação, que passou a não ficar mais aberta entre 7 horas da manhã e 22 horas, como de costume.

³¹ Dentre as pautas estabelecidas para o movimento grevista dos docentes da UFJF, destacam-se a reestruturação das carreiras, a recomposição salarial com reajuste de 22,71%, a realização de concursos, entre outras.

Em 22 de abril, foi realizada uma reunião híbrida para definir os próximos passos, em decorrência da situação. Ficou definido que aqueles que ficaram em Juiz de Fora, durante o período em que as aulas estavam paralisadas, eram responsáveis pelas demandas necessariamente presenciais: gravações na Universidade, coberturas *in loco* e entrevistas, por exemplo. Já os que voltaram para suas respectivas cidades ficaram encarregados de desenvolver pesquisas, produção das pautas e auxiliar da forma possível, mesmo que remotamente.

Para melhorar a organização interna e direcionar a atuação dos participantes, a equipe de 40 pessoas foi dividida em quatro grupos com dez integrantes em cada, não aleatoriamente. Antes disso, foi realizada uma pesquisa que possibilitou levar em consideração os gostos pessoais dos membros quanto às 48 modalidades. Elas foram divididas em 12 para cada grupo. Outros critérios utilizados foram as características previamente conhecidas - como a experiência a partir do tempo no curso de Jornalismo (equilibrando calouros e veteranos) - e a afinidade entre as pessoas, visto que, de certa forma, acontece uma motivação para trabalhar maior nesse sentido. O equilíbrio no número de homens e mulheres também foi considerado, com o intuito de manter a maior igualdade possível. As equipes foram divulgadas em 2 de maio.

No dia seguinte (3), também foi divulgada internamente a primeira escala de treinamento da equipe como um todo. Como a Faculdade de Comunicação estava em período sem aulas pela greve, a coordenação do projeto aproveitou para promover essa capacitação. O objetivo foi simular as dinâmicas de uma transmissão ao vivo durante os Jogos. Em 3 horas, os participantes dividiram o tempo da seguinte forma: 90 minutos de transmissão de um jogo e os outros 90 minutos de programação direta, sob supervisão dos professores que coordenaram a cobertura.

Na semana entre os dias 6 e 10 de maio, o treinamento foi realizado. A dinâmica aconteceu com o uso de transmissões antigas, disponíveis gratuitamente no canal oficial das Olimpíadas no YouTube. A ideia foi praticar com diferentes modalidades - na ocasião, futebol, vôlei, basquete, handebol, vôlei de praia, natação e atletismo - e com a equipe exercendo diferentes funções (tanto para testes como para desenvolver diversas habilidades). A maioria dos eventos escolhidos para o treino tinham a participação da Seleção Brasileira, mas também foram aproveitados outros com times de outros países, para explorar cenários diferentes.

Antes, em 16 de abril, alguns participantes já tinham participado de uma oficina de transmissão esportiva, ministrada pelos ex-estudantes da Faculdade de Comunicação UFJF Antônio Cláudio Rodrigues e Gabriel Silva. As oportunidades foram os primeiros passos para a capacitação da equipe em transmissões esportivas ao vivo.

Aproveitando que boa parte da equipe estava fora de Juiz de Fora devido à paralisação das aulas, uma demanda fundamental para o processo da cobertura foi repassada no dia 14 de maio: a produção de relatórios sobre cada modalidade. Eles continham descrições sobre o esporte em questão, principais regras, como funciona a classificação dos atletas para os Jogos Olímpicos, representantes brasileiros, possíveis medalhistas, curiosidades e outras informações essenciais. O objetivo foi facilitar a produção de conteúdos e o estudo para as transmissões, já que os integrantes já contaram com apuração prévia.

Após esse momento, o calendário de pautas funcionando, no geral, principalmente com os integrantes que continuaram em Juiz de Fora. A continuidade do período sem aulas afetou a participação de alguns membros da equipe, sobretudo os que voltaram para suas cidades. Apesar disso, quem não perdeu o ritmo deu conta de abastecer as redes sociais do *Nos Acréscimos* e da *Rádio Facom*, ao mesmo tempo em que algumas pessoas continuaram auxiliando remotamente.

Em 25 de junho, uma atividade presencial deu ânimo para os participantes do projeto: foi promovida uma mesa redonda, na Faculdade de Comunicação, entre jornalistas que em algum momento já atuaram na editoria de esportes. Os convidados foram Bruno Kaehler, antigo repórter e editor de esportes e atual coordenador de internet da *Tribuna de Minas*³²; Bruno Ribeiro, editor web do *Globo Esporte* da Zona da Mata Mineira; e Inácio Novaes, antigo apresentador do *Globo Esporte* no MG1, da *TV Integração*³³, e atual editor e apresentador na mesma filial, além de setorista do Tombense no *SporTV*. Os cargos citados dizem respeito à época da atividade.

³² Jornal fundado em setembro de 1981. Pertence à *Rede Tribuna de Comunicação* e tem sede em Juiz de Fora.

³³ Filial da *Rede Globo*, sediada em Uberlândia, que integra diversas regiões de Minas Gerais.



Imagen 4 - Palestra com jornalistas. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Os jornalistas trocaram experiências com a equipe, com pautas importantes para a realização do trabalho. Dentre os temas abordados, destacaram-se as novas dinâmicas do Jornalismo Esportivo na atualidade e o papel da profissão na cobertura de grandes eventos esportivos. Acima de tudo, foi um momento de *networking* e aprendizado profissional para os integrantes.

Durante as últimas semanas anteriores ao início dos Jogos Olímpicos de Paris, a coordenação do projeto anunciou a realização de reuniões de pauta diárias, com o intuito de intensificar a produção para a reta final. A ideia surgiu no momento em que a greve ainda acontecia, mas já com indícios de um fim próximo. Com isso, foi possível aproveitar, simultaneamente, para incentivar este trabalho por parte dos integrantes enquanto ainda não precisavam se preocupar com outras atividades acadêmicas, além de deixar conteúdos preparados para o período dos Jogos, no qual a atenção estaria voltada para as transmissões radiofônicas ao vivo.

No início de julho, após definição da saída da greve por parte da categoria dos professores, foi anunciada a volta oficial das aulas na UFJF no dia 15 do mesmo mês. Apesar de a partir deste momento a equipe ter a certeza do retorno às atividades na Faculdade de Comunicação, surgiram incertezas quanto ao andamento do projeto de cobertura, devido à coincidência nos horários de aula e da transmissão ao vivo dos Jogos por parte da equipe.

Assim, após um acúmulo de pautas idealizadas nas reuniões, no dia 4 de julho foi realizada a divisão para alimentar as transmissões, tanto em intervalos como nos momentos pré e pós jogo. O prazo final para entrega dos conteúdos pelo menos apurados e produzidos foi marcado para 15 de julho, para encerrar os

trabalhos antes do retorno às aulas. Esses trabalhos foram usados, posteriormente, na programação das transmissões diárias e alguns foram publicados nas plataformas do *Nos Acréscimos*.

A reunião final antes do início dos Jogos Olímpicos aconteceu em 17 de julho. Nela, ficaram definidas a escala inicial, com os eventos que já tinham data e horário definido, e as funções que cada integrante da equipe exerceu nos jogos em questão. Somado a isso, na semana do início do evento - mais especificamente nos dias 22 e 23 -, foram fechadas as últimas demandas: finalização das últimas matérias, elaboração dos últimos *templates* e vinhetas, atualização da escala com pequenas modificações e definição dos programas radiofônicos para preencher a grade de transmissão.

Importante ressaltar que a montagem da escala para a transmissão dos Jogos foi pensada a partir de afinidades que os diferentes integrantes tinham com as diversas modalidades. Dessa maneira, além de poder aproveitar a capacidade dos integrantes atuarem em esportes que conhecessem (pelo interesse prévio de cada um em modalidades específicas, seja por interesse próprio ou por experiências passadas de prática), em outros eles puderam atuar como setoristas especializados, já que precisaram estudar ainda mais e se preparar para cumprir a jornada.

Dessa forma, toda a equipe e a coordenação tiveram a certeza de que a preparação, associada ao planejamento, estava completa para a transmissão. Enquanto a cobertura já acontecia há meses, a capacitação também havia preparado o time do projeto.

4.3. Durante os jogos

Embora a cerimônia de abertura dos Jogos Olímpicos de 2024 tenha sido realizada apenas em 26 de julho, os dois dias anteriores já contaram com alguns jogos em determinadas modalidades. Nesse sentido, o dia 25 ficou marcado como a estreia da *Rádio Facom* e do *Nos Acréscimos* nas transmissões ao vivo do evento. O principal desafio desta etapa foi manter a produção de conteúdos para as outras plataformas durante o período da competição, pois a equipe teria que se dividir e se empenhar para que funcionasse. O resultado, no fim, foi positivo.

Independente da plataforma escolhida pelo público para acompanhar o trabalho do projeto, o objetivo foi levar à audiência uma cobertura completa. Nesse

momento, a equipe demonstrou estar preparada para manter o ritmo do trabalho em diferentes mídias. Enquanto a webrádio teve como foco a transmissão de eventos disputados pelo Time Brasil e a atualização em tempo real do que mais aconteceu nas competições - tudo ao vivo -, as redes sociais continuavam a publicar conteúdos sobre o tema e divulgar resultados, horários e outras informações.

Ao dar conta de como o alcance do trabalho se expandiu, a equipe fez questão de aumentar, também, o volume de informações divulgadas. Uma ideia foi a criação do Giro Olímpico: o quadro diário foi produzido especialmente no turno da noite, trazendo um resumo sobre como foi o dia para os atletas brasileiros. Os participantes do projeto se revezaram para a gravação do conteúdo, veiculado nos *stories* do Instagram, para conferir a maior diversidade possível e mostrar ao público quem foram as pessoas por trás da cobertura.

Para manter a sintonia da equipe, o grupo de WhatsApp foi fundamental. Nele, a comunicação foi efetiva em todos os sentidos. Cada possibilidade de pauta e atualizações sobre o evento eram compartilhadas, independente do momento. Além disso, não houve problemas em enviar *feedbacks* como sugestão de melhoria para as transmissões, o que ajudou a melhorar a qualidade. Qualquer atualização de última hora na escala também era comunicada pelo grupo.



Imagen 5 - Transmissão de vôlei feminino. Fonte: Acervo pessoal do autor.

Dentre os problemas enfrentados durante o período, o principal foi a baixa interação de alguns integrantes da equipe. O motivo mais comum foi o tempo reduzido, motivado, sobretudo, pelo retorno das aulas poucos dias antes do início dos Jogos. Além disso, alguns participantes perdiam a oportunidade de atuar no

projeto durante uma boa parte do dia devido à necessidade de cumprir expediente em seus respectivos estágios.

Assim, a disponibilidade reduzida tornou a ideia de permanecer no ar entre 8 horas da manhã e 18 horas inviável. Embora o intuito não fosse, necessariamente, que os integrantes ficassem nos microfones durante todo o período, era importante a participação de plantonistas, pelo menos, para trazer informações do momento. De qualquer forma, durante a programação diária no período olímpico, foram veiculados na *Rádio Facom* “pílulas” sonoras sobre o evento, reportagens, podcasts e vinhetas produzidas pela equipe, além da realização de programas “ao vivo”.

A dinâmica das transmissões aconteceu em um modelo tradicional dos veículos de comunicação radiofônicos. O narrador (que também cumpriu papel de âncora no pré jogo, nos intervalos e no pós jogo) comandava a mesa, sendo responsável por transmitir os lances da partida. Os repórteres trouxeram informações, cada um a respeito da equipe a qual estava encarregado: dados, curiosidades, estatísticas e outros fatos. O comentarista procurava explicar os lances, tecendo opiniões embasadas em estudos prévios e se esforçando para fazer a comunicação de forma clara para o público entender o que acontecia no momento. Um bolsista da *Rádio Facom* ou do *Nos Acréscimos* sempre estava presente na mesa para operar o áudio.

Fora da mesa, os participantes do plantão foram acionados periodicamente na transmissão para trazer informações sobre outros eventos que estavam acontecendo simultaneamente ao que era transmitido. Dessa forma, a audiência se manteve informada com o que acontecia ao longo do dia. Os responsáveis pelas redes sociais ficaram com o cargo de auxiliar os plantonistas e trabalhar nas plataformas do projeto, bem como registrar vídeos e fotos do restante da equipe para acervo. Por fim, o produtor teve a responsabilidade de funcionar como uma ponte entre a mesa e quem estava fora dela, sempre informado com as ações de cada integrante e atento à programação.

Em relação às modalidades transmitidas ao vivo, apenas sete delas fizeram parte do repertório: futebol (feminino), vôlei (feminino e masculino), handebol (feminino), basquete (masculino), vôlei de praia (feminino e masculino), atletismo (feminino e masculino) e boxe (feminino e masculino). Todos os eventos em questão eram disputados com atletas do Time Brasil.

Por isso, o teor das transmissões aproveitou o infotainment: ao mesmo tempo em que as falas dos participantes ao vivo tinham o objetivo de informar cada lance e cada informação, o posicionamento era claramente a favor do Brasil. De qualquer forma, foi uma preocupação da equipe sempre incluir a presença de um repórter para trazer informações dos adversários. Desta forma, o público também ficou por dentro de detalhes dos outros times.

Em dois dias (30 de julho e 6 de agosto), a equipe foi reforçada pelos alunos da disciplina de Jornalismo Esportivo da Faculdade de Comunicação da UFJF. Pelo fato de alguns jogos que fizeram parte da escala terem acontecido justamente no horário das aulas, os professores incluíram o comando destas transmissões nas atividades.

Dos momentos transmitidos, destaca-se a classificação da dupla de vôlei de praia Ana Patrícia e Duda para a final da modalidade, após vencerem a dupla australiana formada por Clancy e Mariafe - posteriormente, as brasileiras conquistaram a medalha de ouro. Por outro lado, o projeto também colocou no ar a eliminação do Brasil no vôlei feminino, na semifinal, para os Estados Unidos.

A boxeadora radicada em Juiz de Fora, Bia Ferreira, foi medalhista de bronze em Paris. A luta que garantiu que a atleta subisse ao pódio também foi transmitida pela *Rádio Facom* e pelo *Nos Acréscimos*: após vencer a holandesa Chelsey Heijnen, Bia avançou às semifinais, o que assegurou a medalha olímpica na modalidade.

No futebol feminino, após uma campanha que quase gerou complicações na fase de grupos (avançou para o mata-mata como segunda melhor terceira colocada nos grupos, pelo critério de saldo de gols), a Seleção Brasileira melhorou as atuações e conseguiu chegar à final. Na ocasião, perdeu para as estadunidenses e ficou com a medalha de prata. Entretanto, antes disso, eliminou as anfitriãs da França e, na semifinal, venceu a Espanha por 4x2 e classificou para a briga pelo ouro - este último sob as vozes da equipe de transmissão da Faculdade de Comunicação da UFJF.

Dos 19 dias com pelo menos um evento nos Jogos Olímpicos de 2024 (entre 24 de julho e 11 de agosto) - incluindo o da cerimônia de abertura -, o projeto esteve ao vivo em 13. A estreia foi com o handebol feminino, na vitória do Brasil sobre a Espanha. Já o encerramento aconteceu no vôlei de praia feminino, em jogo entre Brasil e Austrália, já citado acima.

4.4. Relatório final

Ao fim dos quase quatro meses de cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024, diversas conclusões foram tiradas em análise do trabalho. Antes de tudo, foi priorizado obter o ponto de vista da equipe que fez o projeto acontecer durante o período. Posteriormente, levando em consideração as críticas (positivas e negativas) dos demais integrantes, foi possível desenvolver conclusões pessoais a respeito do trabalho.

Foram levantados os seguintes questionamentos aos membros da equipe: O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio *Facom* e pelo *Nos Acréscimos*? O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do *Nos Acréscimos* e da Rádio *Facom* e a transmissão dos Jogos? Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Com as perguntas, foi enviado o formulário para obter as respostas no grupo do WhatsApp. Dos outros trinta e nove participantes do projeto, apenas 20 responderam no tempo estipulado. Vale destacar que não foi exigida identificação para o envio do retorno. Desta forma, os participantes tiveram a oportunidade de expressar suas opiniões sem se preocupar com possíveis julgamentos pessoais, com o objetivo de propor maior liberdade na hora de tecer seus comentários.



Imagen 6 - Equipe no treinamento. Fonte: Acervo pessoal do autor.

No primeiro questionamento, apenas uma resposta teve perspectiva negativa. De acordo com o integrante anônimo, a preparação foi “um pouco zoneada”. Apesar de ressaltar que “deu certo”, afirmou não ter se sentido seguro nas reuniões em que participou. Por outro lado, os outros 19 participantes destacaram que o planejamento foi positivo.

Dentre os comentários, um dos membros exaltou os momentos de, através das oficinas, ensinar às pessoas que não estavam familiarizadas com a mídia sonora, mas tinham interesse na cobertura esportiva. Outro ponto destacado foi a antecedência na divisão de cada setor da cobertura. “O planejamento é bom quando não surgem problemas ou controvérsias no caminho e, não me recordo de nada negativo nessa experiência, muito pelo contrário”, reforçou um integrante.

Enquanto isso, o segundo questionamento foi totalmente preenchido por respostas positivas. Um dos pontos enfatizados foi o contato proporcionado entre pessoas mais experientes e outras ainda no início do curso: “os *feedbacks* antes, durante e depois dos jogos me ajudaram muito”. A integração entre os bolsistas do *Nos Acréscimos* e da *Rádio Facom* com os demais também foi destacada, assim como a utilização das diversas plataformas para tornar a cobertura completa. “Acredito que quem acompanhou pela *Rádio* e pelas redes sociais do *NA* teve uma boa experiência.”

Contudo, apesar de outras opiniões positivas, como “foi um bom trabalho também nas redes sociais, com produções que iam além do que só dar as notícias das medalhas”, pontos específicos (que, de certa forma, se relacionam) foram trazidos como problemáticos. “A cobertura foi bem organizada, apesar da falta de comprometimento de alguns participantes”, lamentou um integrante. Outra pessoa ainda complementou que a participação de muitas pessoas foi prejudicada pela greve. “Por conta das aulas, acredito que houve pouca diversificação nas pessoas que estavam nas transmissões ao vivo, com eu mesmo, participando menos do que gostaria.”

Por fim, o terceiro questionamento teve respostas que valorizaram a cobertura dos Jogos Olímpicos de 2024 como um projeto que trouxe benefícios para a trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Uma das abordagens foi o conhecimento adquirido sobre modalidades não tão populares no Brasil, graças ao estudo prévio. Também foi lembrada a experiência de testar o desempenho de diferentes funções durante as transmissões. “Melhorei de todas as formas”, afirma

um membro da equipe, que ainda completa que aprendeu termos e técnicas de rádio, além de tratar a cobertura como um “divisor de águas para conhecimento e currículo”.

Houve, ainda, declarações ao rádio enquanto veículo de comunicação, como uma nova área de interesse. Além disso, alguns participantes relataram como a experiência os preparou para as decisões que tomarão no futuro de suas carreiras. Também foi mencionada a possibilidade de exercer a função jornalística em meio à cobertura de um grande evento esportivo.” Pessoalmente, me aproximou do que eu queria para a faculdade.” Outros tópicos abordados foram o entendimento de que trabalhos como este demandam comprometimento. Em um grupo de, inicialmente, 40 estudantes, o trabalho em equipe foi apontado como um dos destaques. “Vai ficar pra sempre na minha memória e no meu coração”, finalizou um integrante.

Em relação à contagem de conteúdos sobre os Jogos Olímpicos em cada plataforma, o *Nos Acréscimos* e a *Rádio Facom* produziram os seguintes números: 113 publicações no Instagram do primeiro projeto, sendo dez delas colaborativas com o segundo; nove publicações no TikTok; 89 postagens no X; um vídeo no YouTube; zero conteúdos na Twitch; três podcasts no Spotify; e, finalmente, 24 eventos transmitidos ao vivo pela webrádio.

Analizando este relatório com os dados ao final da cobertura, fica claro que uma parte do planejamento inicial não foi cumprida. Os principais motivos foram a falta de tempo e a necessidade dos integrantes da equipe em dividir a atenção com as atividades da faculdade e, em alguns casos, do emprego. De qualquer forma, é possível tirar aprendizados da situação.

Ao utilizar como guia para a cobertura alguns conceitos teóricos do Jornalismo, os participantes conseguiram aprender como eles funcionam na prática, mesmo aqueles que ainda não haviam alcançado determinada fase do curso. Além disso, o revezamento do trabalho nas plataformas e nas funções dentro de cada uma delas permitiu às pessoas testarem diferentes atividades, expandindo seu conhecimento. Sob uma perspectiva maior, a equipe conseguiu experienciar diversas dinâmicas de uma cobertura jornalística de um grande evento esportivo.

Durante o período, um momento que se destacou foi a realização de entrevistas com personagens do mundo do esporte. Dentre eles, estão o treinador mental da Seleção Brasileira de Vôlei, Antônio Serenini; o jogador da equipe brasileira de handebol e juiz-forano, Thiagus Petrus; e o atleta que representou o

Brasil nos Jogos Olímpicos de 2024 na modalidade ciclismo *mountain bike*, Ulan Galinski; entre outras. As três entrevistas citadas foram publicadas, na íntegra, no Spotify da *Rádio Facom*.

De um ponto de vista pessoal, também foi nítida a evolução tanto minha como da equipe ao longo dos dias de cobertura. Ao realizar um trabalho prático como este, pautado em conceitos teóricos, aqueles que se empenham verdadeiramente conseguem extrair benefícios para a trajetória acadêmica, profissional e pessoal. Embora alguns participantes não tenham trabalhado tanto quanto outros, vale destacar que, por ser um projeto entre alunos, não houve uma grande cobrança, visto que todos se encontram na mesma hierarquia na faculdade - todos com o *status* de estudante. Ou seja, toda a equipe estava disposta a aprender da mesma forma, tendo como base tanto as experiências próprias como as orientações dos professores que auxiliaram a trajetória.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir da cobertura realizada na Faculdade de Comunicação da UFJF, foi possível tirar conclusões significativas para a formação de jornalistas. Primeiramente, é fundamental falar sobre os pontos que podem ser melhor explorados e das dificuldades enfrentadas, que certamente afetaram o desenvolvimento do trabalho. Depois, será abordado o que funcionou conforme o esperado - ou até melhor que isso.

Vale destacar que estas conclusões não foram tiradas a partir apenas de opiniões e experiências próprias. As avaliações por parte da equipe de cobertura tiveram um papel essencial tanto durante o evento como após a sua realização, no momento em que uma análise aprofundada pode ser feita.

Sendo assim, o principal problema foi a baixa adesão por uma parcela relativamente grande da equipe. A produção de conteúdos para as plataformas do projeto e a transmissão radiofônica ao vivo dos Jogos foram afetadas pelo fato de um número grande de participantes não mostrar o empenho esperado e prometido previamente. Por isso, houve um acúmulo de funções, tornando toda a cobertura mais homogênea - sem tanta diversidade de participação - e, consequentemente, aumentando a pressão em cima de quem se dispôs a participar das transmissões conforme o combinado.

Em alguns casos, as justificativas são aceitáveis. A greve do corpo docente e dos TAEs, outro dificultador da cobertura, adiou o período de férias na UFJF, o que impediu que a rotina dos participantes fosse mais tranquila durante o trabalho. Com isso, muitos deles tinham compromisso com aula de outras disciplinas na faculdade, impossibilitando sua presença na atividade. Soma-se a isso o fato de a paralisação também ter quebrado o ritmo de produção da equipe, que voltou a Juiz de Fora às vésperas do início dos Jogos.

Também é importante ressaltar que Juiz de Fora é um polo universitário que atrai pessoas de diferentes regiões do Brasil, que se deslocam ao município para estudar. Desta forma, alguns membros da equipe voltavam às suas cidades natais durante os fins de semana. Como consequência, as transmissões aos sábados e domingos contaram com equipes mais enxutas, dificultando o trabalho.

Com essas situações, um grupo relativamente pequeno de alunos precisou assumir a responsabilidade para que as transmissões acontecessem. Como

resultado, foi visível o aumento do cansaço nesta parcela da equipe no decorrer das competições. Ao final dos Jogos, o ritmo caiu consideravelmente, afetando o planejamento. Uma das principais preocupações antes do início da cobertura foi, justamente, o tamanho da equipe, para que situações como essa não acontecessem - mas não foi o suficiente.

Vale salientar que o planejamento inicial, realizado ainda no início de 2024, teve uma grande parte não executada. As ideias, apesar de boas e de terem a capacidade de tornar a cobertura completa, podem ter sido utópicas para o contexto universitário. De qualquer forma, caso a greve não tivesse acontecido durante o período em questão, o resultado poderia ter sido diferente - é difícil prever como funcionaria.

A partir das adaptações promovidas para que o planejamento fosse seguido, mesmo que parcialmente, é possível extrair, ainda, boas experiências vividas durante o processo. A produção de conteúdos para as plataformas digitais ofereceu à equipe a oportunidade de abordar várias pautas da área esportiva a partir de diferentes perspectivas e diferentes formatos. Assim, os participantes puderam trabalhar com diferentes habilidades fundamentais para a profissão de jornalista - e com a possibilidade de criar confiança e perder o medo de errar, visto que ainda estão cursando disciplinas de Jornalismo.

Foi interessante perceber como cada pessoa - principalmente aquelas que ainda estão no início do curso de Jornalismo - utilizou conceitos da profissão, que ainda nem tinha tido contato na faculdade, sem perceber claramente. Certamente, quando chegarem nos períodos futuros do curso, vão perceber que, no fundo, já conhecem tais conceitos - e inclusive os utilizaram na prática.

Outro ponto relevante que a cobertura proporcionou foi a experiência de transmitir ao vivo modalidades não usuais em veículos de comunicação radiofônicos. O mais comum é utilizar o meio para transmissões de futebol, então a equipe de cobertura deu seguimento à ideia de expandir o repertório do projeto. Além desta modalidade, a webrádio foi espaço para o público ouvir jogos de basquete, handebol, vôlei, vôlei de praia, boxe e atletismo.

Como estas modalidades dificilmente são ouvidas em rádios, foi um desafio colocar os conhecimentos obtidos na preparação para os jogos em transmissões ao vivo, mas sem imagens - normalmente, a TV é o principal meio para isso. Assim, foi necessário formular um jeito próprio de abordar os lances de cada esporte. Com

auxílio do treinamento e de muito estudo por parte da equipe. O modelo de transmissão foi evoluindo com o passar dos dias

Por fim, é possível afirmar que a experiência foi positiva. As transmissões foram informativas, conseguiram trazer a emoção de cada lance - independente da modalidade - e todas as funções demonstraram entrosamento entre narrador, comentarista e repórteres. Com a ideia de transmitir diferentes modalidades, diferentes públicos foram atraídos para a cobertura. Da mesma forma, um número maior de pessoas da equipe mostrou interesse em fazer parte da mesa de transmissão.

Também vale ressaltar que o infotainment no Jornalismo Esportivo, abordado com maior profundidade no capítulo 2 do presente trabalho, foi um conceito utilizado em todas as transmissões. As interações eram de tom leve, possibilitando a introdução de conversas com humor. Entretanto, a recorrência das conversas para a priorização da informação e para o cuidado para não tratar assuntos mais sérios de maneira cômica manteve o nível jornalístico das transmissões.

Enquanto coordenador discente do projeto, a responsabilidade de pensar em cada mínimo detalhe da cobertura mudou completamente minha visão sobre como funciona o trabalho jornalístico em eventos de grande repercussão. A cada momento, com o surgimento de dúvidas e dificuldades, foi necessário pensar em soluções para corrigir a trajetória. Enquanto aluno, não foi fácil obter respostas para gerenciar diversas situações.

Os meses de cobertura foram somados a outras atividades, como estágio e disciplinas na faculdade, além de outros projetos e vida pessoal. Com isso, foi necessário abdicar de muitos momentos e outras atividades. Contudo, não apenas todo o processo desenvolvido no trabalho, como o resultado final fizeram o esforço ser recompensado. A cobertura me faz sair da universidade com a certeza de que todo o tempo destinado aos estudos durante o curso de Jornalismo foi fundamental para meu aprendizado e desenvolvimento para o mercado de trabalho.

Hoje, me sinto mais confiante para lidar com projetos mais ambiciosos, entendo de forma mais profunda a atuação dos jornalistas em meio a coberturas de eventos e tenho a certeza de que pude, de forma coletiva com toda a equipe, entregar um trabalho que superou as expectativas iniciais. Soma-se a isso o

sentimento engrandecedor de ter me empenhado para proporcionar aos participantes do projeto uma experiência prática de muito aprendizado.

Como conclusão, a cobertura jornalística dos Jogos Olímpicos de 2024 foi de grande valor para a prática e desenvolvimento de vivências no Jornalismo Esportivo em meio ao ambiente acadêmico. Diversos pontos do trabalho podem ser utilizados em futuras coberturas no âmbito universitário, apesar das dificuldades enfrentadas: a organização da equipe, o modelo e formato das transmissões e, no geral, as ideias para tornar a cobertura completa e abrangendo conceitos teóricos do Jornalismo para serem trabalhados na prática.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ALMEIDA, W. D.; ARAÚJO, D. G. N.; RUBIO, K. Revisitando transmissões radiofônicas pioneiras de Jogos Olímpicos no Brasil. *Radiofonias – Revista de Estudos em Mídia Sonora*, Mariana-MG, v. 14, n. 01, p. 76-104, jan./jul. 2023.
- AMORIM, E. R. *História da TV brasileira*. São Paulo: Centro Cultural São Paulo, 2007. 123 p.
- ANTUNES, Fátima Martin Rodrigues Ferreira. "Com Brasileiro Não Há Quem Possa": futebol e identidade nacional em José Lins do Rego, Mário Filho e Nelson Rodrigues. São Paulo: Unesp, 2004.
- BARBEIRO, Heródoto; RANGEL, Patrícia. *Manual do Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2006.
- BATISTA, C. P.; M. L. M ; M. P.. O papel do planejamento de cobertura na produção da notícia. In: 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação, 2008, Lisboa. *Comunicação e Cidadania - Actas do 5º Congresso da Associação Portuguesa de Ciências da Comunicação*. Braga - Portugal: Centro de Estudos de Comunicação e Sociedade (Universidade do Minho), 2008. p. 642-650.
- BOURDIEU, Pierre. *Sobre a televisão seguido de a influência do jornalismo e os jogos olímpicos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar; 1997.
- BRETONES, Marcos Jardim de Amorim. *Redação Sportv: Uma experiência de jornalismo esportivo crítico*. 2010.
- BRITO, Bruno José de Queiroz. *Jogos Olímpicos da Era Moderna: entre a tradição, megaeventos e espetacularização da mídia*. *Olimpianos – Journal of Olympic Studies*, 2022.
- BUDZIER, Alexander; FLYVBJERG, Bent. *The Oxford Olympics Study 2024: Are Cost and Cost Overrun at the Games Coming Down?*. University of Oxford, 2024.
- CALDAS, W. Aspectos sócio políticos do futebol brasileiro. *Revista USP*, São Paulo, n. 22, p. 40-49, jun./jul./ago. 1994.
- CAMARGO, V. R. T. O telejornalismo e o esporte espetáculo. Tese (Doutorado em Comunicação) - Universidade Metodista de São Paulo, São Bernardo do Campo, 1998.
- CASTRO, Ruy. *O anjo pornográfico*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- COELHO, Paulo Vinicius. *Jornalismo Esportivo*. São Paulo: Contexto, 2003.
- DaCOSTA, L. P.; MIRAGAYA, A. Estado da Arte do Conhecimento sobre Legados de Megaeventos Esportivos no Exterior e no Brasil. In: DaCOSTA, L. P. et al. (Ed.). *Legados de megaeventos esportivos*. Brasília: Ministério do Esporte, 2008. p. 33-45.

- DANTAS, M.A. *Mulheres no Jornalismo Esportivo*. Trabalho de conclusão de curso. Rio de Janeiro: UFRJ, 2016.
- DEBORD, G. *A Sociedade do Espetáculo*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.
- DEJAVITE, F. A. *O jornal diário impresso e a prática do infotainment: o caso da Gazeta Mercantil*. 2003. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.
- DIAS, Kathryn Kischlat. *Heróis em pauta: a cobertura jornalística dos esportes olímpicos*, 2014. Monografia (Graduação em Comunicação Social/Jornalismo) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.
- FERNÁNDEZ PEÑA, E. *Os Jogos Olímpicos e a mídia. Introdução à mídia e à cultura das Olimpíadas*. Plataforma Coursera, 2014.
- FERRARETTO, Luiz Artur. *Aqui, o rádio de lá: uma análise histórica das influências estrangeiras nas emissoras brasileiras*. Animus. Revista Interamericana de Comunicação Midiática, v. 9, n. 18, 2010.
- FINGER, C. *Crossmedia e transmedia: desafios do telejornalismo na era da convergência digital*. Em *Questão*, v.18 n.2. Porto Alegre, 2012.
- FONSECA, O. *Esporte e Crônica Esportiva*. TAMBUCCHI, P.L. & OLIVEIRA, J.G.M.de & COELHO SOBRINHO, J. (orgs.) *Esporte & Jornalismo*, São Paulo, CEPEUSP, 1997.
- GÖTZ, C. A. F. Abílio de Castro: pioneiro da narração esportiva no rádio do Brasil? *ECCOM - EDUCAÇÃO, CULTURA E COMUNICAÇÃO*, v. 12, p. 398-412, 2021.
- GUERRA, M. O. *Rádio x TV: o jogo da narração. A imaginação entra em campo e seduz o torcedor*. 1. ed. Juiz de Fora: Juizforana, 2012. v. 300. 198p.
- GUTMANN, Juliana Freire. *Quadros narrativos pautados pela mídia: framing como segundo nível do agenda-setting?* *Contemporânea*, v. 4, n. 1, p. 25–50, 2006.
- HALL, C. M. *Urban entrepreneurship, corporate interests and sports mega-events: the thin policies of competitiveness within the hard outcomes of neoliberalism*. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). *Sports Mega-Events: social scientific analyses of a global phenomenon*. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Suplement s2, December 2006. p. 59-70.
- HORNE, J; MANZENREITER, W. *An introduction to the sociology of sports megaevents*. In: HORNE, J; MANZENREITER, W. (Ed.). *Sports Mega-Events: Social Scientific Analyses of a Global Phenomenon*. (Special Issue: The Sociological Review Monograph Series) V. 54, Issue Suplement s2, December 2006. p. 1-24.

JENKINS, H. *Convergence culture: Where old and new media collide*. New York: New York University Press, 2006.

KISCHINHEVSKY, Marcelo. "Notas para uma metodologia de pesquisa em rádio expandido". 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. In: Anais [...] 44º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação. Virtual, 2021.

LARROSA, Miranda. *Broadcasting the Olympic Games: the Media and the Olympic Games*. The Olympic Museum. Lausanne, 2016.

LONGO, G. A. (Org.); VENANCIO, R. D. O. (Org.); MALULY, L. V. B. (Org.); outros (Org.). *Jornalismo Esportivo no Brasil - Livro 1*. 1 ed. São Paulo: Amazon, 2020.

MCCOMBS, M; SHAW, D. The agenda setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, n. 36, 1972.

OSELAME, Mariana Corsetti; COSTA, Cristiane Finger. Fim da notícia: o "engraçadismo" no campo do jornalismo esportivo de televisão. *Intercom. Anais...* 2013.

PADEIRO, C. H. S. O predomínio do entretenimento no jornalismo esportivo brasileiro. 2015. 126 f. Dissertação (Mestrado) - Escola de Comunicações e Artes, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

PENA, Felipe. *Teoria do Jornalismo*. São Paulo: Contexto, 2005.

PESSOA, Mirella Arruda; TARSITANO, Paulo Rogério. Eventos Esportivos: a repercussão midiática dos Jogos Olímpicos de 2016 no Rio de Janeiro – Brasil. *Revista Hospitalidade*. São Paulo, v. X, n. 2, p. 408-421, dez. 2013.

PESSUTTI, G. U.; MALULY, L. V. B. A cobertura esportiva frente à ascensão de canais segmentados nas mídias digitais. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2024.

RIBAS, Lycio Vellozo. *O Mundo das Copas*. São Paulo: Lua de Papel, 2010.

RIBEIRO, André. *Os Donos do Espetáculo: histórias da imprensa esportiva do Brasil*. 1. ed. São Paulo: Editora Terceiro Nome, 2007.

RODRIGUES, Nelson. *À sombra das chuteiras imortais*. São Paulo: Cia. das Letras, 1993.

_____. *O Baú de Nelson Rodrigues*. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

SOARES, Edileuza. *A Bola no Ar: O rádio esportivo em São Paulo*. São Paulo: Summus Editorial, 1994.

SOUSA, Li-Chang Shuen Cristina Silva. *Cobertura esportiva na televisão: jornalismo ou entretenimento?*, 2005. 158 f. Dissertação (Mestrado) - Centro de Artes e Comunicação, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2005.

TAVARES, Otavio. Megaeventos Esportivos. Revista Movimento. Porto Alegre, v. 17, n. 03, p. 11-35, jul/set de 2011.

VILAS-BOAS, Sérgio; Formação e Informação Esportiva: Jornalismo para Iniciados e Leigos. (Org) São Paulo; Summus Editorial, 2005.

XTH OLYMPIADE COMMITTEE OF THE GAMES OF LOS ANGELES, U.S.A. 1932, LTD. The Games of the Xth Olympiad Los Angeles 1932. Official Report. Los Angeles, 1933.

APÊNDICE

APÊNDICE A - Entrevista com Ana Paula Dessupoio

1. Surgimento e Evolução das Escolas e Cursos de Jornalismo Esportivo

Como o curso de jornalismo da sua instituição aborda o jornalismo esportivo? Existe uma disciplina específica ou ele é tratado dentro de outras matérias?

Quando e como a sua instituição começou a oferecer disciplinas ou especializações voltadas para o jornalismo esportivo? Quais foram os principais desafios nesse processo?

O curso de Jornalismo na Universidade Federal de Juiz de Fora (UFJF) aborda de forma específica o jornalismo esportivo por meio de disciplinas opcionais e o conteúdo também é integrado com outras matérias que tratam do esporte, mas não como tema principal.

2. Especialização em Jornalismo Esportivo nas Universidades

A sua instituição oferece uma especialização formal em jornalismo esportivo, como um curso de pós-graduação ou uma linha de pesquisa? Se sim, como ela é estruturada?

De que maneira o curso prepara os alunos para a cobertura de eventos esportivos, especialmente com as novas demandas do mercado, como a cobertura em tempo real e o uso de plataformas digitais?

Atualmente, a instituição não oferece uma especialização em Jornalismo Esportivo. No entanto, contamos com projetos de extensão desenvolvidos por professores dedicados a debater e aprofundar temas relevantes na área, contribuindo para a formação prática e teórica dos alunos interessados pela temática.

3. Desafios e Adaptação às Novas Demandas do Mercado

Quais são os maiores desafios enfrentados pelos cursos de jornalismo esportivo nas universidades, especialmente com a evolução das tecnologias e a mudança nas formas de consumo de conteúdo esportivo?

Como a sua instituição tem se adaptado à digitalização e ao uso de mídias sociais para cobrir eventos esportivos? Os alunos têm a oportunidade de trabalhar com essas ferramentas durante a graduação?

Os principais desafios incluem a atualização constante de currículos para refletir as novas tecnologias e a necessidade dos alunos se adaptarem ao formato digital de consumo de notícias esportivas. A inclusão de práticas com mídias sociais e cobertura em tempo real deve ser uma prioridade no processo educativo

4. Contribuições para a Formação de Novos Profissionais

Quais são as principais contribuições do curso de jornalismo esportivo para a formação de jornalistas preparados para os desafios do mercado?

A possibilidade do curso em Jornalismo Esportivo oferece uma formação específica que prepara os jornalistas para os desafios do mercado, combinando habilidades técnicas, teóricas e práticas essenciais para atuar na cobertura esportiva. Algumas das principais contribuições desse tipo de curso são: aprofundamento em linguagem e técnicas jornalísticas, conhecimento específico sobre o esporte, capacitação em mídias digitais e novas tecnologias, ética e responsabilidade na cobertura esportiva e preparação para um mercado diversificado.

5. Perspectivas Futuras para o Jornalismo Esportivo nas Universidades

Como você vê o futuro do jornalismo esportivo nas universidades brasileiras? Há uma tendência de aumento na especialização e na diversificação de esportes abordados nos currículos?

Existe alguma tendência emergente no jornalismo esportivo que você acredita que as universidades precisam acompanhar mais de perto, como o jornalismo de dados, a cobertura de esportes eletrônicos, ou o uso de inteligência artificial na produção de conteúdo esportivo?

Quais são os próximos passos para o aprimoramento do ensino de jornalismo esportivo na sua instituição?

O futuro do jornalismo esportivo nas universidades brasileiras tende a seguir um caminho de maior especialização e diversificação. Com o crescimento de novas modalidades esportivas e o fortalecimento de nichos, há um movimento para incluir conteúdos que vão além do futebol, abordando esportes olímpicos, paralímpicos e eletrônicos. Além disso, os currículos devem enfatizar não apenas a cobertura jornalística tradicional, mas também o impacto social, político e econômico do esporte, preparando os alunos para uma atuação mais ampla no mercado.

Entre as tendências emergentes que as universidades precisam acompanhar, destacam-se o jornalismo de dados aplicado ao esporte, a cobertura de e-sports e o uso da inteligência artificial na produção de conteúdo. Essas áreas exigem novas habilidades, como análise estatística, narrativa digital e automação de processos jornalísticos. Para aprimorar o ensino do jornalismo esportivo, é essencial investir em laboratórios de produção multimídia, parcerias com veículos especializados e uma abordagem interdisciplinar que conecte comunicação, tecnologia e gestão esportiva.

APÊNDICE B - Entrevista com Tatiane Leal

1. Surgimento e Evolução das Escolas e Cursos de Jornalismo Esportivo

Como o curso de jornalismo da sua instituição aborda o jornalismo esportivo? Existe uma disciplina específica ou ele é tratado dentro de outras matérias?

Quando e como a sua instituição começou a oferecer disciplinas ou especializações voltadas para o jornalismo esportivo? Quais foram os principais desafios nesse processo?

Há uma eletiva de Jornalismo Esportivo na grade curricular, que é oferecida conforme a disponibilidade. Durante vários períodos ela foi oferecida por um prof. Colaborador do mercado, o jornalista Marcelo Barreto, do SporTV.

O assunto é também abordado em matérias obrigatórias voltadas para redação jornalística e reportagem, ou de linguagens específicas como telejornalismo e radiojornalismo, além dos projetos de extensão. Os próprios alunos também criam

projetos práticos, um exemplo é o Futebol Periférico, projeto criado inteiramente por alunos da ECO-UFRJ para a cobertura de times pequenos do Rio de Janeiro.

A eletiva de jornalismo esportivo foi implementada no currículo de 2019. No currículo anterior (2001) a disciplina já era eventualmente oferecida, mas utilizando códigos genéricos como Seminários de Jornalismo ou Jornalismo Especializado. No currículo novo foi criado um código específico de Jornalismo Esportivo.

O principal desafio é ter professores aptos/ com carga horária livre para oferecê-la. Os professores efetivos que temos com expertise na área estão com a carga comprometida com disciplinas obrigatórias, que são sempre prioridade. O mesmo acaba ocorrendo com professores substitutos.

2. Especialização em Jornalismo Esportivo nas Universidades

A sua instituição oferece uma especialização formal em jornalismo esportivo, como um curso de pós-graduação ou uma linha de pesquisa? Se sim, como ela é estruturada?

De que maneira o curso prepara os alunos para a cobertura de eventos esportivos, especialmente com as novas demandas do mercado, como a cobertura em tempo real e o uso de plataformas digitais?

Não.

Nas disciplinas de redação/reportagem/linguagens jornalísticas, projetos de extensão, palestras com profissionais do mercado, visita a redações... em 2024.2, acompanhei um grupo de alunos na gravação de um programa esportivo da TV Brasil, prática recorrente em nosso curso.

3. Desafios e Adaptação às Novas Demandas do Mercado

Quais são os maiores desafios enfrentados pelos cursos de jornalismo esportivo nas universidades, especialmente com a evolução das tecnologias e a mudança nas formas de consumo de conteúdo esportivo?

Como a sua instituição tem se adaptado à digitalização e ao uso de mídias sociais para cobrir eventos esportivos? Os alunos têm a oportunidade de trabalhar com essas ferramentas durante a graduação?

Disponibilidade de equipamentos, sobrecarga e escassez de professores.

Sim, não só o currículo foi atualizado recentemente como os alunos são incentivados a trazer desafios e questões contemporâneas para as aulas. Temos também a visita constante de profissionais de mercado.

4. Contribuições para a Formação de Novos Profissionais

Quais são as principais contribuições do curso de jornalismo esportivo para a formação de jornalistas preparados para os desafios do mercado?

Trata-se de uma área fundamental no Jornalismo e do sonho de uma parcela considerável de alunos. A cada semestre aumenta a presença de alunos no curso que escolheram o jornalismo por conta da paixão pelo esporte. É um mercado competitivo e com oportunidades, então é um tema fundamental a ser abordado e praticado no curso.

5. Perspectivas Futuras para o Jornalismo Esportivo nas Universidades

Como você vê o futuro do jornalismo esportivo nas universidades brasileiras? Há uma tendência de aumento na especialização e na diversificação de esportes abordados nos currículos?

Existe alguma tendência emergente no jornalismo esportivo que você acredita que as universidades precisam acompanhar mais de perto, como o jornalismo de dados, a cobertura de esportes eletrônicos, ou o uso de inteligência artificial na produção de conteúdo esportivo?

Quais são os próximos passos para o aprimoramento do ensino de jornalismo esportivo na sua instituição?

Com certeza, é um tema de muito interesse. Não só o futebol, mas outros esportes têm mobilizado os alunos. Destaco o interesse feminino, cada vez mais crescente. As alunas querem trabalhar com jornalismo esportivo e também questionar e analisar criticamente as desigualdades de gênero nesse campo.

Questões de gênero e raça e jornalismo esportivo – é um tema de fortes intersecções culturais e políticas e a demanda desse tipo de discussão é cada vez maior, por parte dos alunos, profissionais e sociedade.

Reconhecer cada vez mais o interesse dos alunos nesse tema e trazê-lo para as discussões. Por ex: eu sou professora de Teoria da Comunicação II e ao ver que 15 dos meus 40 alunos tinham o jornalismo esportivo como preferência, procurei trazer exemplos relacionados a essa área em minhas discussões no curso.

Também, abrir espaço para que eles possam fazer coberturas esportivas, incentivar a cobertura dos esportes universitários, incentivar projetos de alunos, manter a visita de profissionais de mercado e a redações, acompanhar os desafios e evoluções tecnológicas e de mercado, acolher e incentivar a participação feminina no jornalismo esportivo. Na ECO procuramos tratá-lo sempre entrelaçado a discussões políticas e culturais, afastando o tema de uma perspectiva “não séria” ou de entretenimento, e sim reconhecendo a importância do esporte e do jornalismo esportivo na sociedade, a fim de preparar profissionais capacitados a fazer uma cobertura ética, profunda e comprometida com os direitos humanos e valores da profissão.

APÊNDICE C - Resposta 1 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Acho que foi um pouco zoneado. Deu certo, mas nas reuniões que participei, senti que não havia segurança.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Achei bem completa, gostei bastante!

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Foi interessante para mim em especial pela rádio. Participando da cobertura, pude descobrir uma nova área de interesse.

APÊNDICE D - Resposta 2 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Muito bom.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Muito bem feita.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Foi fundamental para que eu pudesse adquirir experiência e treinar para o mercado profissional.

APÊNDICE E - Resposta 3 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Eu achei o planejamento muito bem feito, principalmente na parte de ensinar, através de oficinas, algumas pessoas que não estavam familiarizadas com a Rádio, mas tinham interesse na cobertura esportiva. Vale ressaltar a antecedência na divisão de cada setor da cobertura. Por exemplo, a entrevista com um especialista de cada modalidade (apesar de ter sido difícil marcar e realizar) já tinha sido pré-organizada e cada pessoa poderia se encarregar na busca do especialista.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Focando na rádio e na transmissão dos jogos, que foi a parte que mais me dediquei acompanhando e participando, eu achei excelente. A divisão de pessoas a partir de afinidade entre os membros e conhecimento de cada modalidade, fez com que os participantes fossem capazes de entregar o melhor de cada — além de ajudar uns aos outros.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Na minha opinião, mesmo já tendo conhecimento prévio de transmissões esportivas e até mesmo da rádio — por ser bolsista. O contato com pessoas diferentes — algumas eu nunca tinha conversado — me fez entender que independentemente de qualquer coisa, seja falta de afinidade ou até mesmo intrigas. Dentro do jornalismo/comunicação, nossa obrigação é trabalhar como equipe e sempre tentando levar para o ouvinte/espectador a informação em sua melhor forma.

APÊNDICE F - Resposta 4 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Foi muito divertido e dinâmico, acho que a cobertura conseguiu abordar muito bem diversos conteúdos diferentes.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Foi bem feita, apesar da greve ter atrapalhado um pouco a preparação.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Sem dúvida foi uma das melhores experiências que tive até hoje na graduação. Participei de tudo que consegui com muito prazer. Me sinto realizado com essa experiência.

APÊNDICE G - Resposta 5 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Ótimo, todos tiveram oportunidade de brilhar.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Muito boas, praticamente profissionais. Os conteúdos ajudavam muito a entender outras modalidades que não são tão faladas, além de evidenciar os grandes atletas brasileiros.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Me ensinou muito sobre rádio, trabalhar no ao vivo, na correria, filtrar o que necessário ou não de se falar naquele momento. Aprendi muito sobre sair da zona de conforto de pegar uma coisa para fazer quando não tem afinidade e as outras pessoas não queriam fazer. Foi meu primeiro período e eu já me joguei assim nesse projeto, vai ficar pra sempre na minha memória e no meu coração.

APÊNDICE H - Resposta 6 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Achei uma organização bem feita. Ao longo dos planejamentos deu pra perceber o quão grande seria aquele momento pro projeto. Mas não só pro projeto, como para o aprendizado dos projetistas também. Todos os horários e funções bem distribuídas.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Achei enorme e muito proveitosa. Com conteúdos de qualidade, que partiram de treinamentos, além de fornecer uma ótima experiência para os projetistas.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

A cobertura me trouxe muito conhecimento acerca da competição em si e dos esportes no geral. Muitos esportes que eu conhecia apenas pelo nome, hoje sei como funciona direitinho por conta da cobertura. Além de experimentar novas áreas, como a narração.

APÊNDICE I - Resposta 7 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

O planejamento foi muito bom, tanto na parte de ideias e decisões, quanto nos treinamentos. Os alunos já chegaram bem preparados para tudo que envolvia os Jogos Olímpicos.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Gostei bastante. Nível legal nas transmissões é um conteúdo bem selecionado, informativo é preciso nas plataformas.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Possibilitou, em relação a mim, mais conhecimento de outros esportes que não tinha contato ou não sabia basicamente nada, além de dicas, informações e instruções importantes ao longo de toda a caminhada (antes, durante e depois dos Jogos).

APÊNDICE J - Resposta 8 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Achei muito bem planejado. Todas as datas foram previamente marcadas dos jogos e transmissões, equipes organizadas, trocas justas para todos conseguirem participar das funções e uma dinâmica bem desenvolvida.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Em tempo real com a pressão foi muito bom para termos dimensão de como o jornalismo factual precisa ser rápido e verdadeiro. Uma experiência com muitas emoções que deu muito certo, além de trazer um ótimo engajamento nas redes e na rádio.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Impactou principalmente no quesito de ter certeza do que queremos. Jornalismo esportivo é com certeza uma área que me trará prazer caso eu atue, então saber como funciona, o ambiente competitivo, o equilíbrio do jornalista e do torcedor, ainda assim mantendo uma linguagem mais descontraída que prende a atenção do público foi uma experiência maravilhosa. Pessoalmente me aproximou do que eu queria para a faculdade. Foi meu primeiro projeto, e me acolheu de uma forma que jamais imaginei. Tenho muito a agradecer e memórias que guardarei com carinho.

APÊNDICE K - Resposta 9 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Foi ótimo, os treinamentos anteriores foram essenciais e fizeram com que a execução de fato fosse da melhor qualidade.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Entregamos muita qualidade e profissionalismo, aprendemos rápido termos de esportes que não estamos acostumados (mas deveríamos), conseguindo fazer um projeto lindo. Porém faltou uma diversidade de pessoas devido a greve, fazendo com que a pressão nos que atuavam todos os dias fosse muito maior, tanto em auto cobrança quanto por parte dos comandantes do projeto.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Melhorei de todas as formas, assisti esportes que nunca imaginei que ia trabalhar com, aprendi muitos termos, técnicas de rádio e etc. Tenho certeza que foi algo tão profissional e marcante para o nosso projeto que muitas vezes é invisibilizado, que foi um divisor de águas para termos conhecimento e currículo também!

APÊNDICE L - Resposta 10 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

No geral, achei o planejamento para a cobertura muito bom. No entanto, alguns detalhes, prejudicados pela greve, acabaram sendo um pouco abaixo, como por exemplo, os treinamentos.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Achei a cobertura ótima, em quase todos os aspectos. Em todas as plataformas, houve uma produção de qualidade, com grandes transmissões e ótimos conteúdos. Um único ponto que não foi ideal, mas que também foi muito prejudicado pela greve, foi a participação de todos nas transmissões. Por conta das aulas, acredito que houve pouca diversificação nas pessoas que estavam nas transmissões ao vivo, com eu mesmo, participando menos do que gostaria.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Acredito que participar do projeto foi uma experiência única que foi muito importante para minha formação profissional e pessoal. Me envolver com outros esportes, além dos habituais, e poder transmiti-los, foi uma oportunidade única que levarei comigo sempre.

APÊNDICE M - Resposta 11 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Dentro do possível, no contexto da greve, foi um bom planejamento. Conseguimos controlar bem as produções e todas foram entregues dentro dos prazos estabelecidos.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Ótima. Mais uma vez, dentro do contexto da greve, foram ótimas produções. O engajamento dos voluntários também foi muito bom, todos se esforçaram para

entregar um bom conteúdo, tanto na Rádio, quanto no Nos Acréscimos.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Impactou positivamente, sem dúvida alguma. Transmitir as Olimpíadas é evidentemente um grande desafio e enfrentá-lo a nível de faculdade, podendo errar e buscando o aprendizado, é sem dúvida muito edificante. Além disso, o trabalho em equipe desenvolvido na cobertura foi fantástico. Certamente foi uma experiência muito boa e que teve um impacto imenso na minha formação.

APÊNDICE N - Resposta 12 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Do meu ponto de vista, o planejamento é bom quando não surgem problemas ou controvérsias no caminho e, não me recordo de nada negativo nessa experiência, muito pelo contrário, desde o treinamento até a transmissão em si, tudo ótimo!

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Como dito acima, foi uma experiência excelente, ter contato com a galera que está aprendendo e com os mais experientes foi demais! Os feedbacks antes, durante e depois dos jogos me ajudaram demais.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Assim como em outras experiências acadêmicas, acredito que hoje consigo pensar a transmissão de uma forma mais lógica e dinâmica, desmistificando um pensamento prévio que eu possuía anteriormente.

APÊNDICE O - Resposta 13 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Acho que, levando em conta a greve, foi um planejamento bom. As funções foram bem divididas e quem trabalhou nas redes sociais fez um ótimo trabalho antes e durante as Olimpíadas.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Eu não participei tanto das transmissões, fiz apenas uma. Mas foi um bom trabalho também nas redes sociais, com produções que iam além do que só dar as notícias das medalhas. Um dos destaques pra mim foi a produção no Twitter, que tinha na agenda do dia e algumas threads que funcionaram muito bem para impulsionar o perfil, como o da boxeadora argentina.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Foi uma boa forma de ganhar experiência na cobertura de grandes eventos, mas eu gostaria de ter participado mais das transmissões, que para mim é a melhor parte da cobertura. Mas foi muito bom para mim ver e entender o quanto um evento desses dá trabalho para ser feito e como todos precisam estar na mesma página para que dê certo.

APÊNDICE O - Resposta 14 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Organizado e bem dinâmico, dando espaço para todos participarem.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Uma experiência bem interessante, exercer na prática uma cobertura jornalística é incrível. A produção de conteúdo para o Instagram/TikTok também foi muito bacana de participar, mesclando outras áreas de conhecimento com o esporte.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Ter colocado em prática uma parte do Jornalismo foi fundamental pra ter uma perspectiva de como será futuramente.

APÊNDICE Q - Resposta 15 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Bom.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Bem feita e organizada.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Participar da cobertura me fez ter uma noção de como é uma transmissão esportiva, algo que sempre me interessei.

APÊNDICE R - Resposta 16 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Organizado e bem executado.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Boas, atualizadas e engajadas.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Ajudando a entender mais todo o processo de cobertura de eventos esportivos e na produção de conteúdo digital relacionado a tal.

APÊNDICE S - Resposta 17 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

O planejamento foi bem estruturado mas, ao mesmo tempo, nos deixando livres e confortáveis para encontrarmos onde nos sentimos mais à vontade nele.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

A cobertura foi bem organizada, apesar da falta de comprometimento de alguns participantes - em minha opinião. Além disso, os conteúdos produzidos foram bem feitos e transmitiram as informações necessárias.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Creio que poder participar desse projeto, ainda no início do curso, me trouxe ensinamentos práticos que eu só poderia adquirir mais para frente, além de despertar em mim a vontade de participar de outros eventos semelhantes a esse.

APÊNDICE T - Resposta 18 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Achei que o planejamento, apesar de muitos programas terem sido decididos de última hora, conseguiu contemplar os seis meses de preparação para a cobertura tanto digital pelo Nos Acréscimos, quanto por meio dos vivos na Rádio Facom 59. Entretanto, acredito que o planejamento não tenha sido plural o suficiente, no sentido de conseguir abranger os integrantes da cobertura que não eram bolsistas de nenhum dos dois projetos. Durante a preparação - tendo em vista também o contexto de greve -, apenas os bolsistas dos projetos da Rádio Facom 59 e do Nos Acréscimos estavam atuantes na preparação para a produção de material jornalístico para as Olimpíadas. O número de treinamentos de vivo também foi limitado em comparação com o tamanho da cobertura do projeto.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

A cobertura foi incrível! Apesar de todas as dificuldades durante a preparação para o evento, conseguimos desenvolver um calendário de produção que não só abordou diferentes aspectos ligados aos Jogos Olímpicos de Paris 2024, como também informou, "factualmente", as principais notícias ligadas ao esporte brasileiro nesta edição das Olimpíadas. Além disso, durante os 11 dias de duração das Olimpíadas, transmitimos 25 eventos ao vivo dos mais variados esportes em que o Brasil estava competindo.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Impactou, principalmente, no entendimento de que é importante ter uma boa preparação para coberturas de eventos jornalísticos. A necessidade de entender os esportes, conhecer novos atletas, ler e prestar atenção em notícias, entre diversas outras atividades que foram importantes para valorizar minha formação acadêmica e profissional. Quanto ao pessoal, o sentimento é de felicidade! Fizemos história em um grupo com quase 40 graduandos de Jornalismo e RTVI, que se dedicaram massivamente para fazer o melhor dos trabalhos no acompanhamento das Olimpíadas de Paris 2024.

APÊNDICE U - Resposta 19 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Achei um bom planejamento, foi organizado e quase não presenciei problemas nesse sentido nas transmissões que participei. A cobertura do Nos Acréscimos foi extremamente bem organizada, com todos os conteúdos planejados bem antes dos jogos começarem, que resultou em uma ótima fase pro projeto.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

A cobertura foi ótima, a integração entre os participantes do Nos Acréscimos e da Rádio com as diversas pessoas que se interessaram em cobrir os jogos foi bem feita, e a complementação dos conteúdos com as transmissões fez com que a cobertura fosse muito completa. Acredito que quem acompanhou pela Rádio e pelas redes sociais do NA teve uma boa experiência.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Impactou muito positivamente: a experiência nas transmissões teve muita influência didática, fazendo com que ao longo dos dias e da maior experiência, eu entendesse melhor meus pontos fortes, fracos, e a dinâmica geral das transmissões. Acredito

que a experiência me preparou melhor para as decisões que tomarei no futuro da minha carreira.

APÊNDICE V - Resposta 20 do formulário Relatório Final

O que você achou do planejamento para a cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 pela Rádio Facom e pelo Nos Acréscimos?

Gostei do planejamento e das divisões na aula de jornalismo esportivo.

O que você achou da cobertura em si - incluindo a produção dos conteúdos para as plataformas do Nos Acréscimos e da Rádio Facom e a transmissão dos Jogos?

Tanto o instagram do NA quanto da rádio trabalharam e tiveram muito conteúdo. Acho que o layout do twitter ficou melhor do que do instagram e acho que esse é um ponto que deveria ser melhorado na próxima. Talvez criar uma ID visual só pro evento ou continuar com a do NA.

Como você acredita que participar do projeto de cobertura dos Jogos Olímpicos 2024 impactou a sua formação acadêmica, profissional e pessoal?

Eu nunca pensei em seguir o esportivo antes, mas essa experiência foi uma prova de que é o que amo e quero continuar fazendo. Foi minha primeira transmissão da vida, o que também me fez pensar em seguir o radiojornalismo. São muitas oportunidades e abriu mais um leque de chances para mim.